

vg



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
SECRETARIA ESPECIAL DE MUSEOLOGIA

Fernanda Rodrigues Martins

Acessibilidade Integral: O Amparo aos Públicos nos Museus de Florianópolis

Florianópolis

2025

Fernanda Rodrigues Martins

Acessibilidade Integral: O Amparo aos Públicos nos Museus de Florianópolis

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Museologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em Museologia.
Orientadora: Profa. Thainá Castro Costa, Dra.

Florianópolis

2025

Martins, Fernanda Rodrigues

Acessibilidade Integral: O Amparo aos Públicos nos
Museus de Florianópolis / Fernanda Rodrigues Martins ;
orientadora, Thainá Castro Costa, 2025.

68 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Museologia,
Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

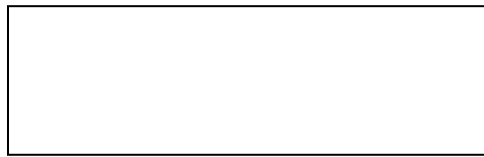
1. Museologia. 2. Museus. 3. Acessibilidade. 4. Saúde
Mental. 5. Florianópolis. I. Costa, Thainá Castro. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Museologia. III. Título.

Fernanda Rodrigues Martins

Acessibilidade Integral: O Amparo aos Públicos nos Museus de Florianópolis

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de bacharela em Museologia e aprovado em sua forma final pelo Curso Museologia.

Florianópolis, 10 de dezembro de 2025.



Coordenação do Curso

Banca examinadora



Prof.(a) Thainá Castro Costa, Dra.
Orientadora



Prof.(a) Heloísa Helena Fernandes Gonçalves da Costa, Dr.(a)
Instituição (UFBA) Universidade Federal da Bahia



Daniele Rauber,
Museu Etno-arqueológico de Itajaí (MUSEARQUI), mantido pela Fundação Genésio Miranda
Lins (FJML)

Florianópolis, 2025

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer aos meus pais, Geraldine e Kleber, pelo suporte emocional e por me ensinarem a importância de tratar bem as pessoas, sempre me conscientizando de que vivemos em um coletivo. Quero agradecer também ao João, por ser um fofão.

RESUMO

A acessibilidade tem se tornado um tema recorrente em diversos artigos e conferências, tornando-se cada vez mais relevante na Museologia. Em nova definição de Museu estabelecida em 2022 durante a Conferência Geral do ICOM em Praga, a principal atualização foi com relação à acessibilidade e a afirmação de que o museu trabalha a serviço da sociedade, é acessível e inclusivo. Esta pesquisa busca analisar os museus de Florianópolis para traçar um panorama do uso das novas tecnologias e estratégias de acessibilidade e inclusão desenvolvidas nos últimos anos e conferir seu uso no município, analisando quais necessidades ainda não estão sendo contempladas e de que forma é possível tornar a cultura em Florianópolis ainda mais acessível e inclusiva por meio dos museus. Após a finalização de análise e pesquisa dos dados coletados, foi possível reconhecer que há museus no município que buscam se atualizar e se adaptar às necessidades dos públicos, ao mesmo tempo que há museus que não estão conseguindo servir aos públicos de forma satisfatória, muitas vezes por falta de recursos ou falta de preparo dos funcionários. A maior parte dos museus se demonstrou capaz de receber públicos com deficiências físicas ou limitação de mobilidade, deixando a desejar na acessibilidade atitudinal e emocional. Constata-se a necessidade de integração e capacitação dos funcionários para acolhimento dos públicos de forma respeitosa, para tornar os museus de Florianópolis ambientes culturais mais acolhedores e sem preconceitos.

Palavras-chave: museu; saúde; acessibilidade; saúde-mental; Florianópolis; cultura; educação.

ABSTRACT

Accessibility has become an increasingly relevant topic in Museology, frequently discussed in articles and conferences. With the new definition of Museum established in 2022 during the ICOM General Conference in Prague, the main update highlighted accessibility and the affirmation that the museum works in service of society, being accessible and inclusive. This research seeks to analyze the museums of Florianópolis to outline an overview of the use of new technologies and accessibility and inclusion strategies developed in recent years. The objective is to verify their application in the municipality, identify the needs that are not yet being addressed, and propose ways to make culture in Florianópolis even more accessible and inclusive. After the completion of the analysis and research of the collected data, it was possible to recognize that there are museums in the capital, which seek to update and adapt to the public's needs, while there are museums that are not able to provide to the public satisfactorily, often due to lack of resources or lack of preparation of the staff. Most museums have proved themselves capable to welcome audiences with physical disabilities or limited mobility, while leaving a lot to be desired in terms of attitudinal and emotional accessibility. There is need for integration and training of the staff to greet audiences in a respectful manner, to make Florianópolis' museums more agreeable and prejudice-free as cultural environments.

Keywords: museum; health; accessibility; mental health; Florianópolis; culture; education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Apresentação da “Semana Loucos por Arte” no Centro Integrado de Cultura	50
Figura 2 – Figura 2 – Identificação da Exposição “Materialidades do Inconsciente” na UDESC.....	52
Figura 3 – A artista Tetê Fernandes produzindo arte no Hospital Universitário (HU-UFSC)	53
Figura 4 – Crianças em atividade tátil de acessibilidade em evento no Ceará.....	55
Figura 5 – Imagem do calm room disponível no site do Museu Nacional de Singapura	56
Figura 6 – Exemplo de Mapeamento de Salas Calmas (Quiet Spaces) no Metropolitan Museum of Art.....	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tabela Contatos Museus de Florianópolis – SC.....	23
Tabela 2 – Informações Básicas dos Museus de Florianópolis.....	25
Tabela 3 – Serviços e Características dos Museus de Florianópolis - SC.....	27

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	JUSTIFICATIVA.....	13
1.2	OBJETIVOS.....	13
1.2.1	Objetivo Geral.....	13
1.2.2	Objetivos Específicos.....	13
1.3	METODOLOGIA.....	14
1.3.1	Procedimentos de Coleta de Dados.....	14
1.3.2	Fundamentação Teórica e Análise.....	14
1.3.3	Resumo dos capítulos.....	15
2.	ACESSIBILIDADE E SAÚDE MENTAL NA MUSEOLOGIA BRASILEIRA.....	16
2.1	ACESSIBILIDADE NA MUSEOLOGIA E O SETOR PEDAGÓGICO.....	16
2.2	HISTÓRICO DE SAÚDE MENTAL E MUSEOLOGIA.....	20
3.	ESTUDO DE CASO.....	23
3.1	DIAGNÓSTICO DOS MUSEUS DE FLORIANÓPOLIS.....	25
3.1.1	O Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral (MARquE).....	32
3.1.2	Museu Desembargador Tycho Brahe Fernandes Neto (TJSC)....	33
3.1.2.1	<i>Avaliação dos Visitantes no Google</i>	34
3.1.3	Museu da Escola Catarinense (MESC- UDESC).....	35
3.1.3.1	<i>Avaliação dos Visitantes no Google</i>	36
3.1.4	Museu do Homem do Sambaqui "Pe. João Alfredo Rohr, SJ".....	36
3.1.4.1	<i>Avaliação dos Visitantes no Google</i>	37
3.1.5	Museu Hassis.....	37
3.1.5.1	<i>Avaliação dos Visitantes no Google</i>	38
3.1.6	Centro de Memória Desembargador Adão Bernardes.....	39
3.1.7	Museu do Presépio de Florianópolis.....	40
3.1.7.1	<i>Avaliação dos Visitantes no Google</i>	40
3.1.8	Museu de Arte de Santa Catarina (MASC).....	41
3.1.8.1	<i>Avaliação dos Visitantes no Google</i>	42

3.1.9	Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC).....	43
3.1.9.1	<i>Avaliação dos Visitantes no Google</i>	43
3.1.10	Museu do Lixo.....	44
3.1.10.1	<i>Avaliação dos Visitantes no Google</i>	45
3.2	AÇÕES DE ACESSIBILIDADE NOS MUSEUS DE FLORIANÓPOLIS....	46
4.	EXPOSIÇÕES E AÇÕES EDUCATIVAS PELA ACESSIBILIDADE 48	
4.1	EXPOSIÇÕES E AÇÕES NO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS.....	49
4.1.1	Semana Loucos por Arte:.....	49
4.1.2	Materialidades do Inconsciente.....	51
4.1.3	Exposição de Tetê Fernandes no Hospital Universitário Professor Polydoro Ernani de São Thiago (HU-UFSC).....	53
4.2	EXPANSÕES DA ACESSIBILIDADE NO PAÍS E NO MUNDO.....	54
5.	CONCLUSÃO.....	59
	REFERÊNCIAS.....	62
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....	67

1. INTRODUÇÃO

De acordo com o livro de Nise da Silveira, *“As imagens do Inconsciente”*, pode-se afirmar que a criação artística e atividades que estimulam a criatividade e auto expressão têm o potencial de revelar os acontecimentos do subconsciente, decodificando e reorganizando o raciocínio do artista (SILVEIRA, 1981). Por outro lado, no texto “Museus fazem bem à saúde? Uma tese sobre museu e saúde na sociedade do século XXI” de Heloísa Helena Fernandes Gonçalves da Costa (2020), a autora analisa o uso de algumas exposições para tratamento de doenças, defendendo - com base nas ideias de Kandel (2006) – que a memória é o que constrói a percepção humana de novas informações. Dessa forma, a construção de memórias pode trazer às percepções novos caminhos, pois o influxo de referências externas estimula associações inéditas no cérebro humano, culminando na descoberta de sensações diferenciadas (COSTA, 2020). Ambas ideias reúnem a cultura como forma de elevação do bem-estar e acolhimento emocional.

Essa ideia traz um questionamento importante à tona: Os museus do município de Florianópolis estão aptos a receber todos os públicos de forma acolhedora, possibilitando à nossa população receber esses benefícios?

Esta monografia busca analisar os recursos de acessibilidade disponíveis nos museus da cidade, traçando um panorama desde a recepção, ambiente e ações educativas, esboçando um diagnóstico do cumprimento das acessibilidades: atitudinal, arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental, programática e natural (Instituto Inclusão Brasil), juntamente com o conceito de acessibilidade emocional (COHEN, SOUZA, 2018).

Analizamos também os recursos utilizados no país e no mundo que ainda não estão sendo empregados no município de Florianópolis e que, com base nas necessidades apresentadas no diagnóstico, seriam de grande benefício aos moradores e turistas.

1.1 JUSTIFICATIVA

Tendo em vista os benefícios à saúde mental e física da visita a museus e instituições culturais e sua relevância para o desenvolvimento da identidade como comunidade, o presente trabalho busca salientar a urgência de medidas de acessibilidade dentro dos museus. Para isso, serão evidenciados os pontos fortes e fracos dos museus de Florianópolis com relação aos projetos de inclusão, e apresentadas soluções para o desenvolvimento da acessibilidade, com base em iniciativas do Brasil e do mundo, visando à maior democratização dos nossos espaços culturais

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

a) Refletir sobre o papel dos museus existentes na cidade de Florianópolis no que se refere aos seus mecanismos de inclusão e acessibilidade integral e como essas ações contribuem para a saúde mental e a melhoria da qualidade de vida do público.”

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Analisar projetos existentes que relacionam a Museologia à acessibilidade e à saúde mental, considerando a educação como fator importante na melhoria da qualidade de vida da população.
- b) Analisar as estratégias de acessibilidade e saúde mental utilizadas nos museus do município de Florianópolis.
- c) Apresentar propostas de ações de acessibilidade com foco em saúde mental dentro dos museus para que os públicos da cidade de Florianópolis possam se beneficiar desse ambiente como forma de elevação da saúde mental e melhoria na qualidade de vida.

1.3 METODOLOGIA

A pesquisa adotou a metodologia teórico-empírica e o método qualitativo. Optou-se por este método, pois, de acordo com Neves (2007), ele é a forma mais eficiente para analisar aspectos psicológicos durante uma pesquisa baseada em respostas de públicos, permitindo uma análise aprofundada dos dados coletados.

1.3.1 Procedimentos de Coleta de Dados

Para a obtenção dos dados primários, foi realizada uma pesquisa com os museus da cidade de Florianópolis — especificamente aqueles cadastrados no Cadastro Estadual de Museus — mediante o uso de um formulário desenvolvido para este estudo.

Adicionalmente, foram utilizadas as informações disponíveis em fontes secundárias, tais como: sites de turismo (por exemplo, Visite Museus - visitemuseus.gov.br) e as avaliações dos visitantes de cada museu na plataforma Google.

1.3.2 Fundamentação Teórica e Análise

As informações empíricas foram relacionadas e confrontadas com um referencial teórico que serviu de base para a composição das conclusões e sugestões. O embasamento teórico incluiu os seguintes títulos:

a) Livros: "Imagens do Inconsciente", de Nise da Silveira, e "Reabilitação do Museu: Políticas de Inclusão Cultural por meio da Acessibilidade", de Viviane Panelli Sarraf;

b) Artigos: "Museus para a Igualdade – Diversidade e Inclusão: Como as premissas da Acessibilidade Cultural corroboram com a Função Social dos Museus", de Viviane Panelli Sarraf, e "Museus que abraçam seus públicos" e "Museus fazem bem à saúde? Uma tese sobre museu e saúde na sociedade do século XXI", ambos de Heloísa Helena Fernandes Gonçalves da Costa.

1.3.3 Resumo dos capítulos

No segundo capítulo, é abordado, com base no levantamento bibliográfico, o referencial teórico sobre acessibilidade em museus, considerando diferentes públicos, o acesso à cultura e a organização das relações entre museus e saúde mental.

O terceiro capítulo tem como foco os Museus de Florianópolis. Usando como base o Cadastro Estadual de Museus, é feita uma reflexão sobre o cenário dos museus na cidade, sendo apresentada sua composição tipológica e organogramas, bem como o foco no histórico de ações e políticas sobre saúde mental.

No quarto capítulo, são apresentadas as necessidades que devem ser consideradas nos museus para que os públicos possam se beneficiar desse ambiente como forma de elevação da saúde mental e melhoria na qualidade de vida.

Busca-se, por meio desta pesquisa, apresentar formas de criar, para a população, exposições e ações educativas mais acessíveis, para que a experiência de visita a esses ambientes se torne mais positiva e que todos possam se sentir acolhidos, pois esses espaços devem ser criados para contemplar todos os públicos. São trazidas sugestões e inspirações de ações que possam auxiliar na democratização dos espaços dos museus na cidade de Florianópolis.

2. ACESSIBILIDADE E SAÚDE MENTAL NA MUSEOLOGIA BRASILEIRA

Este capítulo busca relacionar o termo saúde mental com a Museologia ao longo de sua história, juntamente com o seu relacionamento com a acessibilidade dentro do ambiente dos museus. Para aprofundar essa relação e legitimar as suas relações, serão apresentadas fundamentações teóricas traçando uma linha do tempo.

2.1 ACESSIBILIDADE NA MUSEOLOGIA E O SETOR PEDAGÓGICO

Em “*Museus para a Igualdade – Diversidade e Inclusão: como as premissas da Acessibilidade Cultural corroboram com a Função Social dos Museus*”, Viviane Pavanelli Sarraf (2022) define acessibilidade¹ como: “Um conjunto de adequações, medidas e atitudes que visam proporcionar bem-estar, acolhimento e acesso à fruição cultural para pessoas com deficiência beneficiando públicos diversos”.

Já, no prefácio de *Acessibilidade a Museus* - volume 2 da coletânea *Cadernos Museológicos*, Mário Chagas e Cláudia Storino expandem:

Ao lado da poética da acessibilidade há a dimensão política da acessibilidade, estreitamente relacionada ao exercício da cidadania, a qual, para contemplar adequadamente a pluralidade e a diversidade dos modos de ser e de estar no mundo, que caracterizam o conjunto de cidadãos, implica a adoção de uma visão ampliada do conceito de acessibilidade. Por esse caminho podemos pensar em diversos níveis ou possibilidades de acesso, entre os quais se destacam: 1. Acessibilidade aos códigos culturais; 2. Acessibilidade aos meios de produção cultural; 3. Acessibilidade física; 4. Acessibilidade sensorial; 5. Acessibilidade cognitiva e informacional; e 6. Acessibilidade econômica e social. (CHAGAS; STORINO, 2012, p. VII)

Pode-se notar que há definições mais abrangentes e algumas que se resumem à acessibilidade para pessoas com deficiência. O termo acessibilidade

1 De acordo com Romeu Sassaki, em *Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação* (2009), existem 6 tipos de acessibilidade, a arquitetônica – que se refere às barreiras físicas; a comunicação; a metodológica – métodos e técnicas; instrumental; programática – barreiras em políticas públicas e legislações; e a atitudinal – busca extinguir o preconceito, estereótipos e discriminações.

Neste trabalho utilizamos também os conceitos de acessibilidade emocional e acessibilidade universal.

implica a falta de acesso a um conteúdo e muitas vezes essa falta não é proveniente apenas de deficiências. Como fica claro na definição de Chagas e Storino, a dificuldade no acesso aos museus pode-se derivar de aspectos cognitivos, físicos, mas também informacionais e econômicos.

Para enriquecer a discussão sobre as múltiplas dimensões da acessibilidade, é fundamental incorporar o conceito de **Acessibilidade Emocional**. Desenvolvido por Cohen e Souza (2018), o conceito traz maior preocupação com as características do espaço do museu, em contraposição ao conteúdo apresentado nas exposições. O foco dessa acessibilidade seria tornar o ambiente dos museus locais acessíveis emocionalmente, ou seja, locais onde todos os públicos pudessem se sentir à vontade e pertencentes:

A “Acessibilidade Emocional” significa, portanto, a capacidade do Lugar de acolher seus visitantes, de gerar afeto, de despertar a sensação de fazer parte do ambiente e de se reconhecer como pessoa bem-vinda. Esse conceito destitui a ideia de que a acessibilidade acontece apenas com a supressão de barreiras físicas. Assim, a “Acessibilidade Emocional” engloba toda a ambiência que envolve o usuário do lugar, tratando-o como um ser total, capaz de ativar sistemas complexos de relação com o espaço e com o Outro. (COHEN; SOUZA, 2018, p. 4)

Considera-se esse conceito relevante para a Museologia, especialmente se refletirmos a definição atual de museu determinada pelo ICOM (2022):

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos.

De acordo com a definição, o ambiente dos museus deve sempre ser acessível e inclusivo, e fomentar a diversidade. Apesar de o conceito de acessibilidade emocional não ser comumente utilizado, podemos percebê-lo intrinsecamente associado à definição de museu e acessibilidade.

A acessibilidade emocional, apesar de ser relacionada ao ambiente em grande parte das bibliografias disponíveis atualmente sobre o assunto, está fortemente relacionada ao setor pedagógico ou aos responsáveis pelas ações

educativas da instituição. Isso se justifica pela própria função da Educação Museal, que inclui:

Os conteúdos e as metodologias próprios; a aprendizagem; a experimentação; a promoção de estímulos e da motivação intrínseca a partir do contato direto com o patrimônio musealizado, o reconhecimento e o acolhimento dos diferentes sentidos produzidos pelos variados públicos visitantes e das maneiras de ser e estar no museu; a produção, a difusão e o compartilhamento de conhecimentos específicos relacionados aos diferentes acervos e processos museais; a educação pelos objetos musealizados; o estímulo à apropriação da cultura produzida historicamente, ao sentimento de pertencimento e ao senso de preservação e criação da memória individual e coletiva. É, portanto, uma ação consciente dos educadores, voltada para diferentes públicos. Para Desvallées e Mairesse (2013, p. 38), “a Educação Museal pode ser definida como um conjunto de valores, de conceitos, de saberes e de práticas que têm como fim o desenvolvimento do visitante”. (Política Nacional de Educação Museal - PNEM, 2017, p. 73)

Levando em consideração a estrutura e arquitetura dos museus, pode-se levar em consideração o termo *acessibilidade universal* que busca tornar um ambiente acessível, sem separá-lo do ambiente “normal”. Ou seja, em vez de existir em um museu uma exposição especial para pessoas com deficiência, todas as exposições desse museu seriam acessíveis, sem impedir a visita de pessoas sem deficiências. Dessa forma, todos podem aproveitar a mesma exposição, juntos. A acessibilidade universal é pensada para evitar a segregação e divisão da sociedade em ambientes culturais, pois ela parte do princípio de que cada ser humano é único:

Propõe-se aqui, neste conceito de acessibilidade universal, que não seja o sujeito unicamente pela sua diferença que precisa de um lugar especial marcado no social. É a sociedade que precisa, por meio de suas diferentes instituições e instâncias, adequar-se às diferenças singulares dos sujeitos que a compõem. (FERNANDES, LIPPO, 2013)

O setor pedagógico tem a função de tornar o museu um ambiente **pertencente** e funcional para o público, assegurando a compreensão dos seus conteúdos e o **sentimento de apropriação** do espaço. Dessa forma, além de abordar o aspecto ambiental da acessibilidade emocional, ele se concentra na **dimensão social**: o pertencimento e a plena compreensão desse ambiente.

A educação dentro da Museologia não é um tópico novo. Desde o século XIX, com a criação dos primeiros museus brasileiros, já havia um reconhecimento da função educativa desse ambiente (SILVA, COSTA, 2024):

Esse processo de institucionalização teve início em 1927, com a criação do Serviço de Assistência ao Ensino de História Natural (SAE-MN), setor educativo do Museu Nacional (MN), ativo desde então.” (SILVA, COSTA, p.16)

A criação da UNESCO, em 1945, foi benéfica para o desenvolvimento da área dos estudos pedagógicos da Museologia, trazendo discussões sobre o tema em 1958, em um seminário regional no Rio de Janeiro. Apesar disso, a definição do termo Educação Museal apenas surgiu no Brasil em 2018, aparecendo em verbetes do PNEM (Caderno da Política Nacional de Educação Museal).

Segundo Sarraf (2024), os primeiros artigos da museóloga Waldisa Rússio com foco na acessibilidade de pessoas com deficiência foram publicados durante a década de 1980. Desde então, é possível perceber grandes diferenças nos tópicos discutidos dentro da acessibilidade nos museus. Analisando o Plano Nacional Setorial de Museus de 2010 a 2020 (BRASIL, 2010), nota-se que o foco principal na criação das novas políticas dentro dos museus era na comunicação acessível ao público e às comunidades locais. No Plano Nacional Setorial de Museus de 2025 a 2035 (IBRAM, 2025), essas políticas de democratização e participação social prosseguem, porém agora há maior enfoque em grupos historicamente excluídos, como, por exemplo, os grupos LGBTQIA+. Percebe-se, a partir desses dados, que a acessibilidade dentro da Museologia se expande para abranger todos os tipos de público, tomando-se consciência do quão difícil é o acesso e o quão comum é para várias parcelas diferentes da população sentir-se desconfortável e excluída nesse tipo de ambiente. Dito isto, ainda há muito o que mudar na percepção de acessibilidade.

A definição do termo saúde mental pela Organização Mundial de Saúde (OMS), apresentada no site do Governo Federal do Brasil, descreve a saúde mental como “um estado de bem-estar vivido pelo indivíduo, que possibilita o desenvolvimento de suas habilidades pessoais para responder aos desafios da vida e contribuir com a comunidade”.

Em 2017, foi publicada uma pesquisa realizada pelos psicólogos Loraine Vivian Gaino, Jacqueline de Souza, Cleber Tiago Cirineu e Talissa Daniele Tulimosky, que, com base em entrevistas a profissionais da área da saúde mental em diferentes funções, buscaram elencar diferentes definições para o termo “O conceito de saúde mental para profissionais de saúde: um estudo transversal e qualitativo” (GAINO et al., 2018). As definições apresentaram algumas diferenças baseadas no cargo dos

profissionais, porém um elemento que se manteve em todas as respostas foi a saúde, tanto emocional quanto física, e a situação social do indivíduo, considerando doenças e a capacidade de manter boas relações com a família e amigos. A manutenção de empregos, a boa alimentação e a prática de exercícios também foram tópicos recorrentes nas respostas.

Dessa forma, embora haja algumas semelhanças entre as respostas dos profissionais e a definição da OMS, é possível perceber que, na definição do termo, há um foco na "produtividade" do indivíduo, o que denota uma certa capitalização da saúde. Nas definições encontradas na pesquisa, observa-se um enfoque maior nos sentimentos do paciente em relação ao seu emprego e à sociedade, sugerindo que não apenas o indivíduo interfere na qualidade do ambiente de trabalho, mas também que o ambiente — sua função, seu salário, a relação com os colegas — pode interferir em sua saúde mental.

2.2 HISTÓRICO DE SAÚDE MENTAL E MUSEOLOGIA

A saúde mental é um tópico presente na Museologia de forma inerente, desde que se estabeleceu a importância do cuidado educativo e a função social dos museus. Foi especialmente destacada durante a IX Conferência Geral do ICOM em Paris e Grenoble, em 1971, cujo tema era "O museu a serviço do homem, atualidade e futuro: O papel educativo e cultural", na qual foi firmada a necessidade de o museu servir à população em geral e não apenas à elite e aos intelectuais.

Se um museu deve servir à população como forma de acesso à educação e à cultura, ele proporciona, ao mesmo tempo, uma melhoria na qualidade de vida, auxiliando no aspecto psicológico dos visitantes. Essa interferência na saúde mental — potencialmente de forma positiva — do visitante foi especialmente destacada e começou a ser assunto de artigos e de grande atenção para a Museologia do país quando foi criado o Museu de Imagens do Inconsciente (1952). Os estudos de Nise da Silveira já tinham grande relevância na psiquiatria, mas, a partir da criação do museu, ela se tornou um importante nome em nossa área também. Apesar da novidade no Brasil, as práticas utilizadas no Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro já eram

comuns em alguns hospitais psiquiátricos europeus e estadunidenses desde o início do século XIX (CRUZ JUNIOR, 2019).

Segundo o texto "Do asilo ao museu: as primeiras exposições das coleções da loucura no Brasil", de Eurípedes Gomes da Cruz Junior, há controvérsias em relação às primeiras catalogações e criações de coleções com obras de arte provenientes de pacientes de hospitais psiquiátricos. Alguns autores (MCCAN, 2004; MOJAN, 2003) afirmam que a primeira coleção teria sido organizada por Benjamin Rush no início do século XIX. Contudo, são encontradas também referências de uso da arte e criação artística dentro de hospitais psiquiátricos franceses por Phillipe Pinel em seu "Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania" de 1801. Ainda de acordo com Cruz Junior, esse tipo de coleção começou a ser de fato musealizada apenas no século XX, possivelmente com as exposições em hospitais. O autor traz como exemplo uma exposição realizada no Bethlem Hospital de Londres em 1900.

No Brasil, essa tipologia iniciou apenas em 1949, durante a mostra "Nove Artistas de Engenho de Dentro", na qual as obras do Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro foram expostas pela primeira vez, antes da criação do Museu de Imagens do Inconsciente em 1952. Após a inauguração do museu em Engenho de Dentro, outros museus com premissas semelhantes foram criados, como o Museu de Arte Osório Cesar, localizado no município de Franco da Rocha, no estado de São Paulo. Este foi idealizado em 1929 pelo Dr. Osório Cesar, muito antes de sua inauguração em 1985, e conta com um acervo de obras de arte do Hospital Psiquiátrico do Juquery. Assim como ocorreu em Engenho de Dentro, antes da criação do Museu, algumas obras do Hospital integraram exposições, como a do MASP (Museu de Arte de São Paulo) em 1948 (RIBEIRO, 2021).

Além das exposições diretamente provenientes de hospitais psiquiátricos, a saúde mental está presente no ambiente dos museus de diversas outras formas. Exemplos notáveis são ambientes hospitalares que foram musealizados, como o Museu da Loucura (1996), em Barbacena, Minas Gerais. O Museu da Loucura era anteriormente o Hospital Psiquiátrico Colônia, descrito como "um exemplo dos abusos e da desumanização sofrida pelos pacientes internados em instituições psiquiátricas" (GALETTO, 2024). Sua musealização é de grande importância para a Museologia, tendo como função social conscientizar e honrar as memórias das vítimas dos abusos em ambientes hospitalares e instituições manicomiais.

Outro exemplo relevante é o Museu Bispo do Rosário (2000), estabelecido onde antes se localizava a Fazenda Nossa Senhora dos Remédios. Esta fazenda abrigava a Colônia Juliano Moreira, que, inicialmente um Engenho de Cana de Açúcar, foi posteriormente utilizada como hospital psiquiátrico, sendo originalmente denominada Colônia de Psicopatas de Jacarepaguá e, futuramente, Núcleo Psiquiátrico Juliano Moreira. O Museu destaca-se pelo acervo artístico de um antigo paciente do hospital psiquiátrico, conferindo voz a uma pessoa que viveu isolada nesse ambiente e que criou obras sensíveis, apreciadas até hoje pelo seu valor emocional.

Museus de diferentes tipologias em todo o Brasil também passaram a priorizar o debate sobre saúde e saúde mental. O Museu do Amanhã (2015) é um exemplo notável, destacando-se pela recorrência de exposições que convidam o público a aprender sobre ciências enquanto promove a autodescoberta, como a exposição "Sonhos: História, Ciência e Utopia" (2024), que abordou a importância do sono e dos sonhos na vida humana e na construção do futuro. O Museu da Vida da Fiocruz (1999), que integra as relações da ciência com a vida cotidiana, também realizou exposições e projetos voltados para a saúde, como a "Semana do Cérebro" (2024). Esta última reuniu atividades que visavam demonstrar o funcionamento do cérebro, sua coordenação nas ações humanas e a diferença em comparação ao cérebro de outros animais, incluindo atividades artísticas que utilizam ferramentas lúdicas para tornar o assunto mais acessível ao público infantil. Esse tipo de iniciativa torna-se cada vez mais necessária com o avanço das tecnologias e as dificuldades inerentes ao manejo da grande e constante quantidade de estímulos recebidos diariamente.

3. ESTUDO DE CASO

Este estudo de caso foi feito com base nas informações disponíveis no Guia de Museus de Santa Catarina (2024), elaborado pelo Sistema Estadual de Museus, e em um formulário desenvolvido nesta pesquisa. Na cidade de Florianópolis existem 27 museus listados no Guia de Museus de Santa Catarina, porém, o formulário foi enviado para todos os museus localizados em Florianópolis, listados no guia e que dispusessem de um endereço de e-mail — o que totalizou 22 museus. O formulário foi disponibilizado às respostas dos museus no período de 26/09/2025 até 31/10/2025, tendo recebido 10 respostas.

Tabela de contatos dos museus de Florianópolis:

Tabela - Contatos de Museus de Florianópolis - SC	
Museu	Respostas
Museu Fármaco Hospitalar Do Imperial Hospital De Caridade	Não

Tabela - Contatos de Museus de Florianópolis - SC

MARquE Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral	Sim
Centro De Memória Desembargador Adão Bernardes	Sim
Museu Aberto da Tartaruga Marinha	Não
Bosque Vereador Pedro Medeiros - Museu Do Presépio	Sim
Memorial Do Instituto Federal De Santa Catarina	Não
Museu Victor Meirelles	Não
Museu Da Polícia Militar De Santa Catarina Major Lara Ribas	Não
Museu Do Homem Do Sambaqui Pe. João Alfredo Rohr	Sim
Centro De Memória Da ALESC	Não
Museu Do Lixo	Sim
Museu	Respostas
Museu O Mundo Ovo De Eli Heil	Não
Museu Histórico De Santa Catarina	Sim
Museu Hassis	Sim
Museu De Arte De Santa Catarina	Sim
Museu Da Imagem E Do Som De Santa Catarina	Não
Museu Da Escola Catarinense - MESC	Sim
Memorial Do Centro Educacional Menino Jesus	Não
Museu Do Judiciário Catarinense	Sim

Tabela - Contatos de Museus de Florianópolis - SC

Museu Desembargador Tycho Brahe Fernandes Neto - TJSC	
Fortaleza De Santo Antônio De Ratores	Não
Fortaleza De São José Da Ponta Grossa	Não
Centro Cultural Da Marinha Em Santa Catarina	Não
Ecomuseu Do Ribeirão Da Ilha	Não
Museu Sacro Da Capela Menino Deus	Não

Fonte: a autora com revisão de Tatiana Richmond

O formulário foi idealizado para ser de fácil e rápido preenchimento, sendo composto majoritariamente por perguntas de resposta objetiva. Das 10 perguntas, apenas 3 eram dissertativas.

3.1 DIAGNÓSTICO DOS MUSEUS DE FLORIANÓPOLIS

O diagnóstico dos museus de Florianópolis foi realizado com base em dados extraídos do Guia de Museus de Santa Catarina (2024), que lista informações contextuais das instituições. A apresentação destes dados brutos em formato não discursivo facilita a visualização e a análise das características dos 22 museus da cidade.

A Tabela 2 e a Tabela 3, a seguir, detalham as informações básicas de contato e horário de funcionamento, bem como os serviços, as características e as medidas de acessibilidade dos museus de Florianópolis.

Tabela 2 - Informações Básicas dos Museus de Florianópolis - SC

Nome do Museu	Bairro	Contatos	Horário de Funcionamento
Centro Cultural da Marinha em Santa Catarina – CCMSC	Centro	Tel: (48) 3225-3896	Terça a sábado, 10h–17h
		Email: ccmsc.marinha@gmail.com	
		Site: marinha.mil.br/cpsc/ccmsc	
		Instagram: @museu.ccmsc	

Centro de Memória Desembargador Adão Bernardes	Centro	Tel: (48) 3251-3775	Apenas com agendamento
		Email: ccmab@tre-sc.jus.br	
		Instagram: @JusticaEleitoraldeSC	
Ecomuseu do Ribeirão da Ilha	Ribeirão da Ilha	Email: ecomuseudoribeirao@gmail.com Site: ecomuseuribeirao.wordpress.com	Contatar o museu
Fortaleza de Santo Antônio de Ratonos	Ilha de Ratonos	Tel: (48) 3721-8302	Terça a domingo: 8h30–18h30; nov–mar: todos os dias 8h30–18h30
		Email: fortalezas@contato.ufsc.br	
		Site: fortalezas.ufsc.br Instagram: @fortalezasdaufsc	
Fortaleza São José da Ponta Grossa	Praia do Forte	Tel: (48) 3721-8302	Todos os dias, 8h30–18h30
		Email: fortalezas@contato.ufsc.br	
		Site: fortalezas.ufsc.br Instagram: @fortalezasdaufsc	
Memorial do Instituto Federal de Santa Catarina	Centro	Tel: (48) 3211-6000	Segunda a sexta, 8h–17h30
		Email: mifsc.fln@ifsc.edu.br	
		Site: sites.florianopolis.ifsc.edu.br/mifsc	
Memorial do Ministério Público de Santa Catarina	Centro	Tel: (48) 3229-9090	Segunda a sexta, 13h–19h (com agendamento)
		Email: memorial@mpsc.mp.br	
		Site: mpsc.mp.br/memorial	

Tabela 2 - Informações Básicas dos Museus de Florianópolis - SC

Nome do Museu	Bairro	Contatos	Horário de Funcionamento
Museu Aberto da Tartaruga Marinha	Barra da Lagoa	Tel: (48) 3236-2015	Quarta a segunda, 9h30–17h
		Email: tamarsul@tamar.org.br	
		Site: tamar.org.br	
Museu da Escola Catarinense	Centro	Tel: (48) 3664-8110	Segunda a sexta, 13h–19h; sábados, 10h–13h
		Email: museudaescola@udesc.br	
		Site: udesc.br/museudaescola Instagram: @museudaescola	
Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina	Agrônômica	Tel: (48) 3664-2651	Terça a domingo, 10h–21h
		Email: mis@fcc.sc.gov.br	
		Site: cultura.sc.gov.br/espacos/mis	
Museu de Arqueologia e Etnologia Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral	Trindade (UFSC)	Tel: (48) 3721-9325	Terça a sexta, 7h–19h
		Email: marque@contato.ufsc.br	
		Site: museu.ufsc.br Instagram: @marqueufsc	
Museu de Arte de Santa Catarina	Agrônômica	Tel: (48) 3664-2634	Terça a domingo, 10h–21h
		Email: masc@fcc.sc.gov.br	
		Site: masc.sc.gov.br Instagram: @masc.oficial	
Museu de	Centro	Tel: (48) 3222-1333	Mar–Nov: Seg–

Florianópolis Prefeito Sérgio José Grando		Email: museu@sesc-sc.com.br	Sex 9h–19h, fins de semana 10h–16h; Dez– Fev: Seg–Sex 10h–20h, fins de semana 10h–16h. Fechado às terças.
		Site: sesc-sc.com.br/museudeflorianopolis	
		Instagram: @museudeflorianopolis	
Museu Desembargado r Tycho Brahe Fernandes Neto	Centro	Tel: (48) 3287-2436	Segunda a sexta, 12h–19h
		Email: dgdm.museu@tjsc.jus.br	
		Site: tjsc.jus.br/web/memoria	
Museu de Topografia e Geodésia Énio Miguel de Souza	Centro	Instagram: @tjscoficial	Segunda a sexta, 7h30– 22h30
		Tel: (48) 3211-6061	
		Email: agrimensura.tec.fln@ifsc.edu.br	
		Instagram: @museudetopografia	

Tabela 2 - Informações Básicas dos Museus de Florianópolis - SC

Nome do Museu	Bairro	Contatos	Horário de Funcionamento
Museu do Homem do Sambaqui Pe. João Alfredo Rohr SJ	Centro	Tel: (48) 3251-1516	Terça a sexta, 9h–12h e 13h–16h
		Email: museu@colegiocatarinense.gl2.br	
		Site: colegiocatarinense.gl2.br/museuhomemdosambaqui	
Museu do Lixo	Itacorubi	Tel: (48) 3261-4824	Segunda a sexta, 7h–15h30
		Email: museudolixocomeap@gmail.com	
Museu do Presépio de Florianópolis	Estreito	Tel: (48) 3348-4328	Segunda a sexta, 9h–16h
		Email: continente@pmf.sc.gov.br	
Museu Hassis	Itaguaçu	Tel: (48) 98812-1036	Segunda a sexta, 13h30–17h30; sábados, 10h30–15h30
		Email: marketing@fundacaohassis.org.br	
		Site: fundacaohassis.org.br	
Museu Histórico de Santa Catarina	Centro	Instagram: @fundacaohassis	Terça a sexta, 10h–17h30; sábados, 10h–14h
		Tel: (48) 3665-6363	
		Email: mhsc@fce.sc.gov.br	
Museu Sacro Capela Menino Deus	Centro	Site: cultura.sc.gov.br/espacos/mhsc	Contatar o museu
		Tel: (48) 99189-2994	
Museu Victor Meirelles	Centro	Tel: (48) 99645-0167	Terça a sexta, 10h–18h; sábados, 10h–15h
		Email: mvm@museus.gov.br	
		Site: museuvictormeirelles.museus.gov.br	
		Instagram: @museuvictormeirelles	

Tabela 3 - Serviços e Características dos Museus de Florianópolis - SC

Nome do Museu	Entrada	Oferece ao Público	Acessibilidade	Natureza Administrativa	Acervo
Centro Cultural da Marinha em Santa Catarina – CCMSC	Gratuita	Banheiro, visita mediada, atendimento a pesquisadores	Rampa, elevador, banheiros acessíveis, alertas sonoros	Mista (público-privada)	Histórico
Centro de Memória Desembargador Adão Bernardes	Gratuita	Banheiro, visita mediada, atendimento a pesquisadores, simulação de urnas	Banheiros acessíveis, acesso para cadeirantes no térreo	Público estadual	Histórico

Tabela 3 - Serviços e Características

Nome do Museu	Entrada	Oferece ao Público	Acessibilidade	Natureza Administrativa	Acervo
Ecomuseu do Ribeirão da Ilha	Paga	Banheiro, wi-fi, visita mediada, atendimento a pesquisadores, atendimento em língua estrangeira, loja	Não informada	Privada	Artístico, histórico, ciências naturais, imagem e som
Fortaleza de Santo Antônio de Ratones	Paga (com isenções)	Banheiro	Elevador, banheiro acessível	Público federal	Não informado
Fortaleza São José da Ponta Grossa	Paga (com isenções)	Banheiro	Rampa, elevador, banheiro acessível	Público federal	Arqueológico, histórico, ciências naturais
Memorial do Instituto Federal de Santa Catarina	Gratuita	Banheiro	Rampa, banheiros acessíveis	Público federal	Histórico
Memorial do Ministério Público de Santa Catarina	Gratuita	Banheiro, visita mediada, atendimento a pesquisadores	Rampa, banheiro acessível	Público estadual	Histórico, imagem e som, tecnológico
Museu Aberto da Tartaruga Marinha	Paga	Banheiro, wi-fi, visita mediada, loja	Rampa, banheiro acessível	Privada	Ciências naturais

Museu da Escola Catarinense	Gratuita	Banheiro, wi-fi, visita mediada, atendimento a pesquisadores, atendimento em língua estrangeira, loja, cafeteria	Audioguia, banheiro acessível, alertas sonoros, cadeiras de rodas	Público estadual	Histórico, virtual
Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina	Gratuita	Banheiro, estacionamento, atendimento a pesquisadores	Banheiro acessível, alertas sonoros	Público estadual	Imagem e som, tecnológico
Museu de Arqueologia e Etnologia Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral	Gratuita	Banheiro, wi-fi, visita mediada, atendimento a pesquisadores	Rampa, elevador, objetos táteis, banheiro acessível	Público federal	Arqueológico, artístico, histórico

Tabela 3 - Serviços e Características

Nome do Museu	Entrada	Oferece ao Público	Acessibilidade	Natureza Administrativa	Acervo
Museu de Arte de Santa Catarina	Gratuita	Banheiro, wi-fi, visita mediada, atendimento a pesquisadores, guarda-volumes, fraldário, estacionamento, cafeteria	Rampa, banheiro acessível, alertas sonoros	Público estadual	Artístico, histórico
Museu de Florianópolis Prefeito Sérgio José Grando	Paga	Banheiro, wi-fi, visita mediada, atendimento a pesquisadores, atendimento em língua estrangeira, loja, cafeteria	Rampa, elevador, objetos táteis, banheiro acessível, alertas sonoros	Mista (público-privada)	Arqueológico, histórico, virtual
Museu Desembargador Tycho Brahe Fernandes Neto	Gratuita	Banheiro, visita mediada, atendimento a pesquisadores, atendimento em língua estrangeira	Rampa, elevador, sinalização em braile, piso podotátil, banheiro acessível	Público estadual	Histórico
Museu de Topografia e Geodésia Énio Miguel de Souza	Gratuita	Banheiro, wi-fi, atendimento a pesquisadores	Rampa, elevador, piso podotátil, banheiro	Público federal	Tecnológico

			acessível		
Museu do Homem do Sambaqui Pe. João Alfredo Rohr SJ	Gratuita	Banheiro, visita mediada, atendimento a pesquisadores	Rampa, elevador, banheiros acessíveis, alertas sonoros	Privada	Arqueológico, histórico, ciências naturais
Museu do Lixo	Gratuita	Banheiro, visita mediada, atendimento a pesquisadores	Rampa, objetos táteis, banheiros acessíveis, alertas sonoros	Público municipal	Artístico, histórico, tecnológico
Museu do Presépio de Florianópolis	Gratuita	Banheiro	Não informada	Público municipal	Histórico
Museu Hassis	Gratuita	Banheiro, wi-fi, visita mediada, atendimento a pesquisadores, atendimento em língua estrangeira	Rampa, banheiro acessível	Privada	Artístico, histórico, imagem e som

Tabela 3 - Serviços e Características

Nome do Museu	Entrada	Oferece ao Público	Acessibilidade	Natureza Administrativa	Acervo
Museu Histórico de Santa Catarina	Gratuita	Banheiro, visita mediada	Rampa, banheiro acessível, alertas sonoros	Público estadual	Histórico
Museu Sacro Capela Menino Deus	Gratuita	Banheiro, visita mediada	Não informada	Privada	Artístico, histórico
Museu Victor Meirelles	Gratuita	Banheiro, visita mediada, atendimento em língua estrangeira	Rampa, elevador, audioguia, banheiro acessível	Público federal	Artístico

Fonte: autora com revisão de Tatiana Richmond

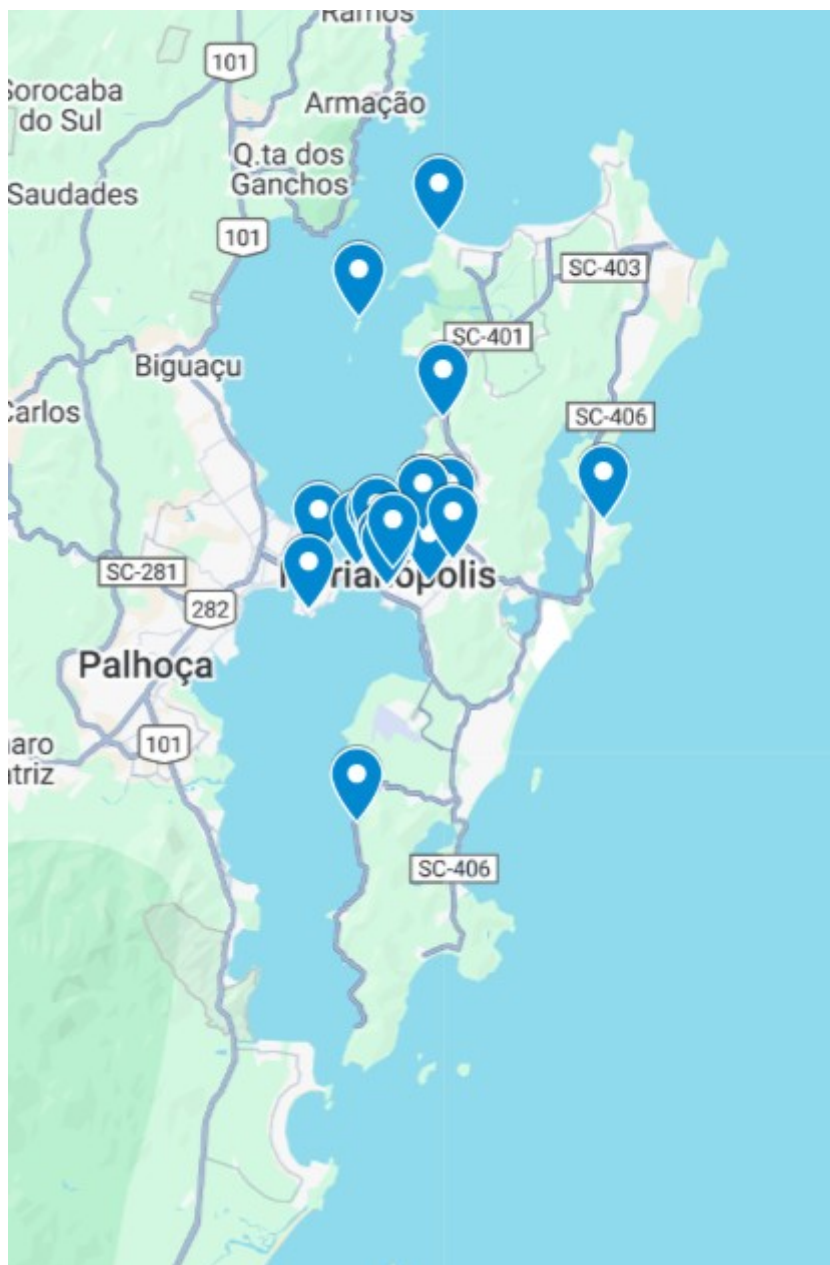
A partir das informações consolidadas nas Tabelas 2 e 3, é possível concluir que:

a) A distribuição geográfica dos 22 museus de Florianópolis demonstra uma grande concentração de instituições:

- 11 museus estão localizados no centro;

- 19 estão localizados na região central de Florianópolis;
- apenas um museu está localizado no sul da ilha;
- apenas 2 museus estão localizados no norte da ilha;

Representação das localizações em mapa:



Fonte: autora por meio da plataforma *My maps Google*

- b) Em relação aos canais de comunicação, a maioria das instituições possui meios de contato tradicionais, mas a presença nas mídias sociais é parcial:
- Telefone: 21 dos 22 museus de Florianópolis possuem número de telefone disponível para contato;

- E-mail: 20 dos 22 museus possuem e-mail informado no cadastro estadual de museus;
- Site: 17 dos 22 museus têm site próprio disponível para consulta;
- Instagram: 14 dos 22 museus possuem Instagram para manter o público atualizado sobre eventos;
- Facebook: 11 dos 22 museus possuem Facebook para atualizações e contato;
- c) A análise do horário de funcionamento (conforme exemplos detalhados na Tabela 2) permite as seguintes observações:
 - apenas 10 museus abrem durante o fim de semana;
 - 12 museus não abrem no fim de semana;
 - 5 museus abrem aos domingos;
 - 10 museus abrem aos sábados;
 - museus atendem apenas por agendamento prévio;
 - o horário com maior quantidade de museus abertos é entre 10h e 12h (15 museus);
 - a maior parte dos museus fica aberta entre as 10h e 17h30 (entre 10 a 15 museus);
- d) O valor de entrada é predominantemente gratuito:
 - 17 museus têm entrada gratuita;
 - apenas 5 dos 22 museus cobram a entrada;
 - a Fortaleza de Santo Antônio de Ratonos e a Fortaleza São José da Ponta Grossa não cobram a entrada de idosos acima de 60 anos e crianças de até 5 anos;
- e) A avaliação dos serviços oferecidos ao público indica:
 - todos os museus oferecem banheiro;
 - 16 museus oferecem visita mediada;
 - 6 museus oferecem atendimento em língua estrangeira;
 - 13 oferecem atendimento a pesquisadores;
 - 8 museus oferecem serviço de Wi-Fi;
- f) A análise das medidas de acessibilidade (rampa, libras, braile, etc.) aponta para um foco em acessibilidade física:
 - 4 museus não possuem nenhuma medida de acessibilidade;

- apenas 4 museus têm medidas de acessibilidade para deficientes visuais (objetos táteis e sinalização em braille), sendo que os demais têm apenas alerta de emergência sonoro;
 - 18 dos museus têm medidas de acessibilidade para cadeirantes, incluindo rampa de acesso e banheiro para cadeirantes;
 - 5 possuem rampa de acesso para cadeirantes;
 - 19 possuem banheiro acessível para cadeirantes;
 - apenas 2 museus apresentam audioguia;
 - não há medidas destacadas para melhorar a acessibilidade de públicos neurodivergentes²;
- g) A natureza administrativa revela que apenas 4 dos 22 museus são de iniciativa privada, sendo a maioria instituições públicas;
- h) Quanto à tipologia do acervo, a grande maioria dos museus de Florianópolis são de tipologia histórica (quinze). As outras tipologias são: 6 artísticos, 4 arqueológicos, 4 de ciências naturais, 4 tecnológicos, 3 de imagem e som, e 2 são históricos e adicionalmente virtuais.

A coleta de dados foi realizada por meio do formulário de pesquisa e pela consulta a fontes secundárias digitais, como os websites da prefeitura (PMF), da Fundação Catarinense de Cultura (FCC) e de portais de turismo (Visite Museus, Trip Advisor, Guia Floripa), permitindo a obtenção das seguintes informações sobre cada museu interessado em participar da pesquisa:

3.1.1 O Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral (MARquE)

2 (traduzido e adaptado de Encyclopedia Britannica) Neurodiversidade é um termo criado pela socióloga australiana Judy Singer como forma de definir condições neurológicas como autismo, propondo que pessoas com autismo não são anormais, mas sim, que seus cérebros funcionam de forma diferente, com suas vantagens e fraquezas. Esse termo inspirou movimentos de justiça social, tratando condições como autismo, dislexia e déficit de atenção com hiperatividade (ADHD) como naturais e potenciais variações valiosas na neurologia humana. Apesar de associada com as condições apresentadas anteriormente, o termo é utilizado para todo o espectro de comportamento humano e desenvolvimento neurológico, considerando que as pessoas, individualmente, não experienciam o mundo da mesma forma. (ELDRIDGE, Stephen. 2025)

O Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral (MARquE) é um órgão suplementar conectado ao Gabinete da Reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e está localizado no Campus Trindade. O museu era originalmente o Instituto de Antropologia, criado em 1965. Em 1970, após a Reforma Universitária, o Instituto foi convertido em Museu de Antropologia. Apesar de sua tipologia prioritariamente arqueológica, seu acervo tem tipologias diversas, divididas em quatro acervos: “Cultura Popular”, “Elizabeth Pavan Cascaes”, “Etnologia Indígena” e “Arqueologia”. O museu conta com três reservas técnicas, três salas de exposição, uma sala de restauro, um laboratório arqueológico e uma sala reservada especialmente para as atividades do setor educativo e recepção para visitas agendadas. As visitas são gratuitas e, no caso de visitas em grupos, é necessário fazer agendamento prévio.

Em resposta ao formulário de pesquisa, foi informado que as respostas ficaram sob responsabilidade do setor educativo do Museu, que possui e-mail próprio. O museu se autoidentifica como um Museu Arqueológico, apesar do acervo diversificado. O museu não possui um projeto com foco na saúde mental de seus visitantes especificamente, porém, eles já receberam públicos em tratamento psicológico e psiquiátrico e declaram interesse em fazê-lo novamente, estando aptos a lidar com o público de forma a contemplar as possíveis necessidades de cada visitante.

Segue o relato da instituição sobre as ações educativas que contemplaram as preocupações com saúde mental ou que tivessem alguma relação com o tema:

O MARquE não tem um projeto especificamente voltado para a promoção da saúde mental, mas compreendemos que todo o trabalho educativo realizado abarca, de alguma forma, a temática, pois o acesso à cultura e à cidade, a relação com a memória e o patrimônio, o compartilhamento de saberes e o senso de pertencimento são aspectos importantes para esta promoção. O Museu recebe, há anos e com alguma frequência, grupos de visitantes em situação de vulnerabilidade psicossocial, sobretudo usuários de Centros de Atenção Psicossocial e de Centros de Referência em Assistência Social. Também nos grupos de outras tipologias há pessoas em sofrimento psíquico. As ações educativas realizadas não abordam as questões de saúde mental de forma direta, mas existe a preocupação da equipe pedagógica em acolher da melhor forma as particularidades, expressões e necessidades desses visitantes. (MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA PROFESSOR OSWALDO RODRIGUES CABRAL, 2025)

3.1.1.1 Avaliações de Visitantes no Google

Avaliado por 132 visitantes com uma nota de 4.6. As avaliações são, em sua maioria, positivas. Em comentários de mais de um ou dois anos atrás, os visitantes reclamam que o museu estava fechado e que estava em reforma por muito tempo. Um usuário comentou: "fechado eternamente" (K. M., 2020), e outro afirmou que os responsáveis "deviam avisar mais abertamente que o local está temporariamente fechado" (J. Q., 2020). As respostas de um ano ou menos são mais positivas, sem tempo de espera, tendo como única reclamação o pé direito baixo na região das escadas: "Lindo demais, super recomendo" (M. E. C., 2024).

3.1.2 Museu Desembargador Tycho Brahe Fernandes Neto (TJSC)

O Museu Desembargador Tycho Brahe Fernandes Neto (TJSC) foi criado em 1991, com o objetivo de garantir a conservação de documentos judiciais. Em 2001, foi transferido para sua atual localização, no centro de Florianópolis. Seu acervo é majoritariamente documental e histórico.

Atualmente, ele é principalmente visitado por pesquisadores da área judicial, porém recebe visitas de outros públicos, principalmente em suas exposições temporárias. As visitas podem ser espontâneas ou agendadas e podem contar com mediação. As entradas são gratuitas.

Em resposta ao formulário de pesquisa, o setor escolhido para responder foi a "seção de museu", que classificou o museu como histórico e declarou que não há um núcleo pedagógico no museu. O museu não possui um projeto com foco na melhoria da saúde mental dos visitantes e nunca recebeu grupos de visitantes em tratamento psicológico ou psiquiátrico, mas tem interesse em receber pacientes de instituições e se declara apto a lidar com as possíveis situações e necessidades dos visitantes.

Segue o relato da instituição sobre as ações educativas que contemplaram as preocupações com saúde mental ou que tivessem alguma relação com o tema:

Especificamente saúde mental, não. Sempre enfatizamos em nossas mediações os impactos emocionais, psicológicos e físicos dos eventos que retratamos em nossa sala de exposições, mas não me recordo de ações educativas com essa abordagem específica. (MUSEU DESEMBARGADOR TYCHO BRAHE FERNANDES NETO, 2025)

3.1.2.1 *Avaliação dos Visitantes no Google*

Avaliado por 44 visitantes, tem a nota de 4.8. Os comentários com relação ao ambiente e o acervo são, em sua maioria, positivos. Porém, há várias reclamações com relação ao atendimento aos visitantes, que não se sentem muito acolhidos.

Uma avaliação específica chama a atenção por se tratar de uma pessoa com deficiência que se sentiu desconfortável com algumas situações durante sua ida ao Museu, conforme o relato:

Fui ao museu do tribunal de justiça, sou pessoa com deficiência. Desde do primeiro momento tratamento descordial e desumano no sensor de metais. Fui impedido de entrar de bermuda, uma agressão. Sentimento de impotência e humilhação. (L.F.D.F., 2023).

3.1.3 **Museu da Escola Catarinense (MESC- UDESC)**

O Museu da Escola Catarinense foi criado em 16 de novembro de 1992. Está localizado na Rua Saldanha Marinho, 196, no Centro de Florianópolis. A instituição foi originalmente a Escola Normal Catarinense, de 1963 a 2000. Nesse período, foi notado seu valor como local de memória; por isso, para que seus patrimônios materiais fossem conservados e facilmente pesquisados, foi convertido em museu. Por conta de sua função original, o acervo do museu consiste principalmente de materiais e mobílias escolares do século XX (até os anos 70), com a intenção de preservar a memória da educação catarinense, incluindo no acervo objetos advindos de outras escolas do estado. O museu não tem uma reserva técnica, pois todo o seu acervo está sendo exposto constantemente.

O Museu possui 10 salas abertas ao público: a Sala Maria da Graça Vandresen, a Sala Selene, a Sala Antonieta de Barros, a Sala Oswaldo Cabral, um auditório chamado de Sala Euterpe, a Sala Victor Meirelles, uma sala para o projeto Resgate da História e da Cultural Material chamada de Sala Urânia, uma biblioteca intitulada Vitor Lima, e o núcleo educativo Anibal Nunes Pires. O museu conta também com a Sala Átrio, onde os mediadores recebem os grupos de visitantes. O Museu possui banheiros acessíveis e carro escalador de escadas para visitantes cadeirantes.

Além disso, produtos são disponibilizados em uma lojinha e há a possibilidade de fazer uma pausa para o café na cafeteria do Museu.

A resposta ao formulário foi concedida pela coordenação do MESC, que o definiu como museu educacional. Declararam que há um núcleo pedagógico, mas que nunca possuiu um projeto que contemplasse a melhora na saúde mental dos visitantes e nem recebeu visita de grupos em tratamento psicológico ou psiquiátrico. Apesar disso, estariam abertos a possibilidades caso haja o interesse por uma instituição de saúde de agendar uma visita guiada em grupo com pacientes, se declarando aptos para recebê-los e fornecer a atenção necessária.

Segue o relato da instituição sobre as ações educativas que contemplaram as preocupações com saúde mental ou que tivessem alguma relação com o tema:

“Não, mas estamos abertos a novas propostas. Eu pessoalmente já participei de uma experiência no meu estágio de pós-doc no museu de arte - Latino Americano de Buenos Aires, o MALBA na Argentina. A experiência com objetos concretos que levavam os participantes a apreciarem as obras de artes.” (MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE, 2025)

3.1.3.1 *Avaliação dos Visitantes no Google*

As 622 avaliações são, em grande parte, positivas, resultando em uma nota de 4.6. Analisando as avaliações mais recentes de até 1 ano, é possível constatar que a única avaliação negativa foi de uma visitante que declarou que os monitores falavam muito baixo, conforme o relato a seguir:

O Museu é incrível, tem um acervo muito rico e ainda pouco explorado. É um lugar de aprendizado e acredito que ainda pouco visitado pois sempre que estive lá estava vazio. A única reclamação que tenho é sobre os dois monitores. Eles falam muito baixo, as vezes é até difícil de escutar e entender o que falam. E pontualmente o Rapaz, perguntei a ele o nome dele (pois tenho o hábito de sempre perguntar o nome das pessoas com quem irei convencer, ainda mais uma pessoa que seria o meu condutor ali) e ele me respondeu de forma ríspida dizendo: "quando começar eu falo o meu nome". Achei desnecessária essa resposta, pois a pergunta que fiz foi simples. Então quando forem lá e puderem optar optem pela moça para serem conduzidos lá dentro. (C. S., 2025)

Os outros visitantes elogiam os monitores e destacam a beleza e acolhimento do ambiente: "O Museu da Escola é um espaço incrível que vale a pena visitar. A equipe do Museu é prestativa e atenciosa, garantindo uma experiência excepcional aos visitantes" (J. M. P., 2025). Outro usuário reforça: "Lugar bem organizado e educativo onde a imersão ao passado é garantida" (L. S., 2025).

3.1.4 Museu do Homem do Sambaqui "Pe. João Alfredo Rohr, SJ"

O Museu do Homem do Sambaqui "Pe. João Alfredo Rohr, SJ", foi aberto em 1963. Está localizado no Colégio Catarinense, no centro de Florianópolis. O Museu possui um acervo coletado majoritariamente pelo Padre João Alfredo Rohr — antigo professor do Colégio Catarinense — durante seus anos de dedicação à pesquisa arqueológica. A instituição possui 6 coleções: arqueológica, malacológica, numismática, geológica, paleontológica, etnológica e zoológica. O museu ocupa apenas um andar no Colégio e apresenta acesso para cadeirantes. Não possui um setor educativo, porém recebe visitas agendadas com mediação. O sítio eletrônico ressalta que as visitas devem ser agendadas.

O setor responsável por responder o formulário foi o setor de museologia, o qual declarou que o museu tem um acervo arqueológico e não possui um núcleo educativo e nenhum projeto que tenha como foco a melhora na saúde mental dos visitantes, mas que já recebeu visitas de grupos em tratamento psicológico ou psiquiátrico e receberiam novamente, se tivessem a oportunidade. Apesar da experiência, não enviaram um relato sobre.

3.1.4.1 Avaliação dos Visitantes no Google

O museu possui 224 avaliações e a classificação geral é alta (4.7), porém, como todos os museus, há algumas reclamações, principalmente com relação aos horários de visita do museu. Dentre as mais recentes (até 1 ano), alguns visitantes declaram que há a necessidade de fazer uma credencial para poder entrar, questionando: "Pq vcs fecham 3 dias durante a semana e pq o horário é tão reduzido?" (Y. E., 2024).

Outra avaliação, também de aproximadamente novembro de 2024, destaca o problema com o agendamento e a credencial:

Não fala no Google que preciso chegar bem antes pra fazer credencial e ainda contar com a boa vontade de um funcionário descer pra me receber. Não sou da cidade e me perdi. Quando cheguei, às 15:45, não deixaram eu entrar. (L.J., 2024)

Apesar das críticas, o museu é muito elogiado por ter funcionários simpáticos e mediadores pacientes:

Lindo e muito bem cuidado, Sidney, muito atencioso, nos contou um pouco da história e ficou disponível para qualquer dúvida e Gustavo tbm atencioso nos acompanhou até a saída. Vale muito ir visitar. Realmente interessante" (A. C., 2025).

Não há nenhuma reclamação com relação à acessibilidade física.

3.1.5 Museu Hassis

O Museu Hassis foi criado em 2001. Está localizado em Itaguaçu, em Florianópolis, e foi aberto para reunir e expor suas obras após o falecimento do artista local, Hassis. Embora seja um museu de arte, expõe também acervos históricos e audiovisuais. Conforme o Guia de Museus, a instituição conta com visitas guiadas, atendimento em língua estrangeira, rampa e banheiro acessível. Apesar de ser uma iniciativa privada, a entrada é gratuita.

A gestão administrativa do museu respondeu o formulário, declarando que a instituição é um museu artístico e que possui um setor pedagógico. Eles já receberam visitas de pacientes em tratamento psicológico ou psiquiátrico, se sentem preparados para esse tipo de visita, e se interessam por receber mais grupos no futuro.

Descreveram suas ações educativas que já contemplaram as preocupações com saúde mental ou que tivessem alguma relação com o tema:

Sim. Projeto Ontemanhã. O museu Hassis é um espaço privilegiado de educação não formal, pois fomenta a arte como produção de conhecimento e novas descobertas.

Um lugar interativo e encantador que une diversos conceitos e oportunidades para aprendizagem, onde variadas formas de expressão e informação estão à disposição do seu público.

Tem um papel importante no campo da cultura e na formação dos indivíduos. Serve de instrumento de diálogo e de interação entre o próprio Ser e suas relações.

Ontemanhã é um projeto inclusivo para fazer a diferença na vida das pessoas. Foi desenvolvido para gerar novas oportunidades de aprendizagem e para formação de pessoas e grupos na busca pelo conhecimento e seu próprio desenvolvimento.

Sua metodologia facilita o aprendizado, pois promove o diálogo entre as obras do Museu Hassis e as vivências no Ateliê Vivo da Fundação Hassis.

Tem como objetivo principal oportunizar o olhar para si e suas relações e promover através da arte o (re)encontro de motivações, transformando-as no foco central do seu projeto de vida.

Através de encontros presenciais, o projeto Ontemanhã prevê, além da conexão com seus projetos individuais, novos aprendizados de habilidades e

competências socioemocionais que favoreçam e facilitem a realização dos mesmos.

Utiliza a Arte como um recurso para proporcionar autoconhecimento, orientação e engajamento, direcionando ações para realização dos objetivos. Os resultados que ocorrem nas experiências promovidas pelo Ontemanhã são vistos na abertura para criatividade, inovação, afeto, motivações, engajamento e, sobretudo, na alegria por estarem resgatando significados e projetos que fazem sentido e diferença na vida das pessoas. (MUSEU HASSIS, 2025)

3.1.5.1 Avaliação dos Visitantes no Google

No Google, há apenas 51 avaliações resultando na nota de 4.7. Dentre os comentários mais recentes, os usuários elogiam o ambiente e as oficinas de arte e workshops que são realizados no Museu. Um visitante descreveu: "Lugar organizado limpo, aconchegante e motivador. Com atendimento nota 1000" (L. M. M., 2025).

Outros usuários destacam a experiência das oficinas de arte, como no comentário a seguir: "Um lugar incrível, com obras do nosso querido Hassis. Oficinas de arte e muita vivência para as crianças. Recomendo a todos fazer uma visita". (N. M. 2022).

Algumas pessoas residentes do bairro destacam a importância de se ter um espaço cultural para a comunidade local. Um morador afirmou: "Adorei. Primeiro museu que visitei no Bairro onde moro! Showwww" (S. C., 2024).

Outro comentário reforça a relevância social da instituição:

A fundação como todo espaço cultural é de extrema importância para a comunidade. E este espaço não é diferente. Os trabalhos das filhas do artista, junto com sua equipe, são muito valiosos. Num país onde cultura não é levado a sério como formação do cidadão a fundação vem, como outras fundações culturais, preencher lacunas. Deve ser visitada, não só para conhecer o trabalho do artista Hassis, bem como para acompanhar todo o trabalho educativo sobre arte. (C. A., 2023)

3.1.6 Centro de Memória Desembargador Adão Bernardes

O Centro de Memória Desembargador Adão Bernardes foi criado em 1999 pelo Tribunal Regional Eleitoral de Santa Catarina, no Centro de Florianópolis. Era antes chamado de Museu da Justiça Eleitoral Catarinense, mas em 2000, recebeu a denominação atual. A instituição foi criada para a preservação documental, mas

passou a ter funções educativas e sociais mais amplas. Entretanto, não possui um núcleo pedagógico. O Centro possui em seu acervo diversos objetos remetentes à Justiça Eleitoral de Santa Catarina, incluindo urnas eleitorais que são utilizadas durante visitas escolares para demonstrar o uso das urnas aos estudantes. Possui apenas rampa de acessibilidade para o térreo e um banheiro acessível. As visitas devem sempre ser agendadas previamente.

Em resposta ao formulário de pesquisa, comunicam que o museu não é setorizado e, por isso, não possui um núcleo educativo. Eles afirmam que o Centro de Memória tem um acervo histórico. Informam que nunca possuíram algum projeto que tenha como foco a melhora na saúde mental dos visitantes, nunca receberam e não desejam receber visitas de grupos em tratamento psicológico ou psiquiátrico, além de não se considerarem preparados para esse tipo de ação educativa (CENTRO DE MEMÓRIA DESEMBARGADOR ADÃO BERNARDES, 2025).

O Centro de Memória não possui avaliações no Google.

3.1.7 Museu do Presépio de Florianópolis

O Museu do Presépio foi criado em 2002 em iniciativa da prefeitura de Florianópolis. Está localizado no interior do Bosque Vereador Pedro Medeiros, no bairro Estreito, em um casarão do século XVIII. Ele expõe presépios artesanais confeccionados em diversas matérias primas. O museu está temporariamente fechado. Em resposta ao e-mail enviado para a pesquisa, a equipe do gabinete da Secretaria Municipal do Continente afirma:

(...) o formulário já foi devidamente respondido por nossa servidora Andressa, responsável pelo Bosque e pelo Museu. No momento, destacamos que o Museu do Presépio está temporariamente fechado, pois passa por um processo de revitalização no casarão que o abriga. Assim, as visitas estão suspensas até a conclusão das melhorias. (SECRETARIA MUNICIPAL DO CONTINENTE, 2025)

O formulário foi respondido pela coordenação do Museu, informando que a instituição não possui um núcleo pedagógico. Sobre a tipologia do museu, eles declaram apenas que são "presépios de vários locais", porém, no cadastro estadual a instituição é considerada um museu histórico. O Museu não possui um projeto específico voltado à saúde mental, mas já recebeu visitas de grupos em tratamento psicológico ou psiquiátrico. Apesar disso, a instituição reclama que não está apta a

receber grupos de pacientes de instituições de saúde, mas demonstra interesse. O relato sobre ações educativas em prol da saúde mental é: “Dezembro de 2024 foi realizada uma atividade natalina com uma escola estadual” (MUSEU DO PRESÉPIO DE FLORIANÓPOLIS, 2025).

3.1.7.1 Avaliação dos Visitantes no Google

As 220 avaliações no Google são em grande parte antigas. Possui como nota 4.5. As mais recentes elogiam o ambiente e as pessoas que trabalham no Bosque. Sobre o acervo dizem ser muito bonito e diverso, sendo um lugar agradável para crianças. Um visitante afirma: "Maravilhoso no meio daqueles prédios e casas encontrar aquele pedacinho do céu, lindo, agradável, muita paz" (J. S. 2023).

Outro comentário destaca: “Boa experiência para as crianças, além do presépio, tem exposição de equipamentos antigos.” (M. K. I. 2022)

Não há comentários sobre acessibilidade, mas algumas pessoas destacam que a trilha de acesso ao bosque é muito tranquila, não sendo um problema para idosos ou crianças. Porém, é possível que dificulte o acesso para cadeirantes. Também não há menção nas avaliações e nem no cadastro de museus sobre rampas de acesso ou banheiro acessível. Não são mencionadas mediação, audiodescrição ou qualquer iniciativa do tipo. Um comentário recente sobre as áreas de lazer e o museu resume: “Lugar bonito, tem algumas trilhas curtas e fáceis. Há um parque infantil. Locais para piquenique e um museu.” (L. A. 2025).

3.1.8 Museu de Arte de Santa Catarina (MASC)

O Museu de Arte de Santa Catarina foi criado em 1949, entretanto, está em sua localidade atual desde 1983. De acordo com o site da Fundação Catarinense de Cultura, seu acervo começou a ser formado durante a Exposição de Arte Contemporânea em 1948. Quando foi fundado era chamado de Museu de Arte Moderna de Florianópolis, mas em 1970 seu nome foi alterado para Museu de Arte de Santa Catarina, se tornando também um museu estadual.

O formulário foi recebido pelo Núcleo de Ação Educativa (NAE) do Museu, que classificou o museu como artístico. O Núcleo afirmou que a instituição possui ações educativas voltadas para a saúde mental, que já receberam visitas de grupos em tratamento psicológico e psiquiátrico e que está apta para receber e providenciar o necessário para o conforto dos públicos.

Segue o relato da instituição sobre suas ações educativas:

:

Sim. Temos uma relação estreita com a Associação Catarinense para a Integração do Cego (ACIC), de modo que o Núcleo de Ação Educativa do MASC promove mediações voltadas ao público cego e oficinas com ênfase em sensibilidade corporal, acolhendo e aprimorando a formação estética desse público para além do espaço expográfico. Recebemos também a ACIC no MASC com sua programação do projeto Café Cultural que acontece lá, onde houve trocas de experiências, apresentações de dança, música e poesias. No ano de 2018, o NAE realizou mediação com um grupo de pessoas surdocegas da ACIC, especialmente em trabalhos que foram permitidas a percepção tátil nas exposições do 6º Prêmio Marcantonio Vilaça e de Jairo Valdati (NÚCLEO DE AÇÃO EDUCATIVA/MASC, 2025). É importante destacar, ainda, que o MASC realizou alguns projetos em parceria com a UDESC no atendimento de pessoas cegas com a ACIC, especialmente com o Laboratório de Educação Inclusiva (LEDI) da Udesc nos períodos de 2006, 2007 e 2008 sob coordenação da professora Maria Cristina da Rosa Fonseca, através de projetos como “Educação, Arte e Inclusão”. Importa, ainda, registrar que na primeira década dos anos 2000 os arte-educadores do NAE/MASC participaram em anos distintos de cursos e palestras com Amanda Tojal e Alfonso Ballesteros sobre como fazer a mediação com o público cego em museus e exposições. Além disso, o NAE já atendeu outros grupos como o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) e os Reeducandos da Penitenciária Pública de Florianópolis, com o projeto “Construindo”, coordenado por Cristiane Castellen e Márcia Lisboa Carlsson, arte-educadoras do Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC). Desde 2013 o NAE/MASC, também é parceiro no projeto “Família no Museu”, do Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores (LIFE), coordenado pela Profª. Drª. Maria Cristina Da Rosa Fonseca Da Silva, realizando mediação com grupos de famílias com pessoas com deficiência. Destacamos ainda, que o NAE há mais de 7 anos, vem realizando mediações nas exposições do Museu e desenvolvendo parcerias com a Gerência de Linguagens Artísticas / Oficinas de Cultura e Linguagem das Oficinas de Arte da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), Grupo de Acolhimento a Pacientes (GAL) com Câncer de Cabeça e Pescoço, PROJETO MANJERICÃO – Linguagem, Diversidade e Integrações, caracterizado por rodas de conversa, oficinas e apresentações artísticas desenvolvidas com o apoio da Associação Pais em Movimento e da Associação Brasileira de Psicopedagogia seção SC e o Projeto TOCANDO EM FRENTE – CANTAROLAR, e também com o NAAHS - Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação, da Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE). Além disso, o NAE oportuniza a aproximação do público interno da FCC, com o “Projeto Diálogos com o público interno do MASC”. Por fim, destacamos que neste último mês de setembro, em comemoração a “Primavera dos Museus” e a “Semana Inclusiva”, a equipe do NAE deu continuidade na parceria com Faculdade CRIATIVA IDADE (alunas da 3ª idade aposentadas), da UNIVALI, por meio de visitas nas exposições do Museu, e a “Oficina A Poética do Corpo” (autor e ministrante o arte-educador Sérgio Prosdócimo), que busca trabalhar o ser humano como um todo, com o

auxílio de exercícios de introspecção, dinâmicas multissensoriais e técnicas teatrais.

3.1.8.1 Avaliação dos Visitantes no Google

O museu possui 1661 avaliações no Google, que resultam na média de 4.6 estrelas. Grande parte dos comentários se refere ao CIC em geral, como se o museu fosse o Centro Integral de Cultura inteiro, elogiando o café e o teatro, que não realmente fazem parte do ambiente do Museu, porém acrescentam na experiência da visita.

Um dos visitantes registra uma crítica sobre a curadoria e a comunicação do acervo: “Pouco dinâmico, apenas informações em português, descontraído, as exposições não são muito compreensíveis, boa cafetaria” (A. E., 2025)

Não há comentários com relação à acessibilidade, nenhuma reclamação com relação ao conforto, apenas algumas sobre o acervo e curadoria (opiniões muito pessoais) e falta de exposição no momento da visita. Outro visitante, no entanto, descreve uma experiência positiva: "Agradável museu, com salas de exposição, gostei muito! Estacionamento amplo, local tranquilo e de fácil acesso" (F. M. C., 2025).

3.1.9 Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC)

De acordo com o sítio eletrônico da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), o Museu foi criado em 1978 na Casa da Alfândega e mudou para o Palácio Cruz e Sousa em 1986 (FCC, 2018). O acervo do Museu é diverso, sendo dividido em 5 tipologias: Acervo Arquitetônico; Acervo Arqueológico; Acervo Arquivístico; Acervo Bibliográfico; e Acervo Museológico. A instituição também informa no sítio eletrônico que a visitação requer o preenchimento de um formulário acessado por QR Code, sem informação de alternativa em papel para usuários sem *smartphones*. É proibida a entrada de cães, exceto em caso de necessidade de cão-guia.

O formulário de pesquisa foi respondido pelo Núcleo de Ação Educativa (NAE), que classifica o Museu como histórico. O NAE informa que o Museu possui um projeto com foco em saúde mental, já recebeu visitas de grupos em tratamento

psicológico e psiquiátrico e demonstra interesse em continuar recebendo esses públicos, declarando-se apto à recepção e acomodação de todos:

:

O MHSC já desenvolveu projeto (2017, 2018) com o Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP) de Florianópolis, cujo objetivo era oportunizar através de ações educativas e socioculturais, o acesso e a inclusão a um grupo de pacientes do hospital. Foram realizadas visitas às exposições de longa e curta duração, promovendo experiências, percepções, descobertas e apropriações da pluralidade de sentidos e narrativas presentes no espaço do Museu.

Metodologia: O projeto foi desenvolvido uma vez ao mês, através de planejamento/agendamento prévio junto às instituições parceiras. O encontro teve duração de aproximadamente 3 horas possibilitando ao grupo participante: visitar as exposições presentes nos espaços do Museu Histórico de Santa Catarina, participar de oficinas práticas na sala do Núcleo de Ação Educativa (NAE), ou encontro com artistas/curadores e/ou outros convidados (NÚCLEO DE AÇÃO EDUCATIVA/MHSC, 2025).

3.1.9.1 Avaliação dos Visitantes no Google

O Museu possui 3428 avaliações no Google, resultando em 4.7 estrelas. Dentre as avaliações mais recentes (de até um ano), é possível perceber que muitas pessoas não acharam muito agradável ter que responder a um formulário para entrada no Museu, principalmente pelo acesso ser exclusivamente por QR Code. Até mesmo alguns *smartphones* são impossibilitados de ler códigos em QR. Algumas pessoas apontaram também que o visitante precisa ter internet para acessar o formulário, pois não informam sobre o uso do WIFI do Museu na recepção.

Um visitante critica a obrigatoriedade da ferramenta digital:

Se você não tiver celular com internet para preencher um cadastro virtual, simplesmente não entra. Já que tem exigência de cadastro na entrada, deveriam disponibilizar computador ou formulário físico. O que não pode é dar uma única opção de acesso para o visitante. (M. R. 2025).

Os comentários sobre a recepção pela equipe do Museu são ambíguos. Alguns visitantes reclamam de atitudes grosseiras e pouca cordialidade: "Espaço lindo, porém falta de profissionalismo de uma mulher segurança do local! Extremamente mal educada, não sou a primeira que reclama da mesma" (G. R., 2025). Porém, há muitos comentários elogiando a simpatia e boa vontade da equipe: "Atendimento muito bom da pessoa da entrada, ela nos orientou sobre como

preencher um QR code e então entramos no local. Muito bem conservado e com muita história" (A. L., 2025).

A maioria das reclamações se relaciona ao fato de o segundo piso do Museu estar fechado para reforma há muito tempo: "É uma pena não poder acessar o 2º andar" (F. G., 2025).

Outro comentário, também sobre o fechamento, destaca:

Um belo edifício com excelentes exposições históricas. Estou a retirar uma estrela porque o segundo andar não está aberto a visitantes. É possível vê-lo do pé da escadaria e, sem dúvida, o andar superior valeria a pena visitar. Os funcionários foram simpáticos e prestáveis. (D. M., 2025)

3.1.10 Museu do Lixo

O Museu do Lixo foi criado em 2003 pela Comcap (Companhia de Melhoramentos da Capital) e está localizado na sede da Comcap, no bairro Itacorubi, em Florianópolis. De acordo com o sítio eletrônico da Prefeitura de Florianópolis, o Museu (PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS, 2023):

Nasceu de um sonho de mais de 10 anos de empregados da Comcap que pretendiam resgatar materiais jogados no lixo para construir um espaço de memória sobre hábitos e consumos da sociedade.

O acervo do Museu é inteiramente confeccionado de materiais reciclados e reaproveitados.

Em resposta ao formulário, o setor de educação ambiental afirmou que o Museu do Lixo pode ser classificado como histórico e que possui projetos relacionados à saúde mental. A instituição já recebeu visitas de grupos em tratamento psicológico e psiquiátrico e demonstra interesse em continuar recebendo visitas de pacientes de instituições de saúde:

Já foram atendidos todos os pacientes da rede do CAPS (Centro de Atenção Psicossocial). Trabalhamos na inclusão deles na sociedade, eles foram transformados em agentes ambientais, promovendo a sustentabilidade no seu dia a dia (SETOR DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL/MUSEU DO LIXO, 2025).

3.1.10.1 Avaliação dos Visitantes no Google

No Google, o Museu possui 266 avaliações, resultando em 4.6 estrelas. As mais recentes (até 1 ano) destacam a simpatia dos funcionários e o valor informacional do acervo, composto por objetos nostálgicos, e consideram a visita muito lúdica e interessante para crianças conhecerem melhor o passado. Elogiam a iniciativa por conscientizar sobre hábitos de consumo e ecologia:

Maravilhosa. Levamos um grupo de alunos e tivemos total atenção dos funcionários que já nos esperavam, por conta do agendamento. Tivemos uma palestra esclarecedora e visitamos o maior centro de referência de coleta seletiva. Em seguida visitamos o Museu propriamente dito, com materiais inacreditáveis descartados pela população e algumas doações que eles recebem. (R. H. 2025)

Outro visitante reforça o valor pedagógico do passeio:

Maravilhoso ver o trabalho realizado. Iniciativa linda. Temos muita coisa a aprender, reciclar é viver. Passeio muito legal. Pessoal super simpático, explicam muito bem a importância da reciclagem e dos resíduos, baita aula. Super recomendo.” (F. O. L. 2023).

Representação das respostas ao formulário em tabela:

Nome do museu	MArquE	TJSC	MESC (UDESC)	Homem do Sambaqui	Hassiss	Adão Bernardes	Museu do Presépio	MAS C	MHSC	Museu do Lixo
Tem setor educativo	x		x		x			x	x	x
Possui ou possuiu projeto que contempla saúde mental					x			x	x	x
Visita de grupos em tratamento psiquiátrico ou	x			x	x		x	x	x	x

psicológico										
os funcionários estão aptos a receber pessoas em tratamentos psicológicos ou psiquiátricos	x	x	x	x	x			x	x	x
o museu está interessado em visitações de hospitais ou centros de reabilitação	x	x	x	x	x		x	x	x	x
ações educativas que contemplam a saúde mental ou relacionada	x	x			x		x	x	x	x

(Representação das respostas do formulário em forma de tabela. Fonte: a autora)

3.2 AÇÕES DE ACESSIBILIDADE NOS MUSEUS DE FLORIANÓPOLIS

A combinação das informações coletadas no Guia de Museus, nos sítios eletrônicos, nos formulários de pesquisa aplicados e nas avaliações dos públicos permite algumas considerações sobre a acessibilidade.

No que tange à acessibilidade para pessoas com neurodivergências e transtornos mentais, as instituições museais em Florianópolis possuem, em sua maioria, uma percepção de que a acessibilidade deve ser focada nas necessidades físicas de cada visitante. É importante que haja uma preocupação integral com pessoas com deficiências físicas; considerando que existem em Florianópolis 15.219

peças com deficiência motora (IBGE, 2013), é de suma importância que esses moradores tenham acesso à cultura da cidade de forma respeitosa e de fácil conquista. Nesse sentido, é crucial alertar os museus sobre a importância do cuidado no atendimento a pessoas com necessidades especiais.

Catracas, detectores de metal e portas com sensor são detalhes simples, mas que fazem a diferença na experiência do visitante. É importante que sejam estabelecidas exceções para não criar transtornos desnecessários. Embora os recursos para o auxílio de pessoas com deficiência sejam custosos, é interessante notar que tantos museus conseguiram implementá-los. Porém, é relevante lembrar que há soluções que auxiliariam também 4.423 pessoas com deficiências mentais (IBGE, 2010), 51.158 diagnosticadas com depressão e 7.227 pessoas diagnosticadas com autismo que não estão sendo contempladas nas iniciativas dos museus de Florianópolis.

Existem ainda situações que, além de não auxiliarem esses públicos, podem prejudicar e impedi-los de ter uma boa experiência dentro dos museus: recepção grosseira (citada diversas vezes nas avaliações), falta de sinalização para a localização do museu (diversos museus possuem essa reclamação), detector de metais com sons muito altos, falta de guarda-volumes — informação de suma importância, mas não presente no guia de museus — e uma aparente preocupação com a vestimenta do visitante, algo que não se justifica visto que os museus devem servir à sociedade geral, sem uma distinção entre os públicos.

No que se refere à acessibilidade social, percebe-se que a exigência de vestimenta adequada e a obrigação de uso de tecnologias tornam o museu um local inacessível para uma parcela do público, o que extrapola as situações de vulnerabilidade social. Em uma cidade de praia, com grande quantidade de turistas durante o verão, a proibição de bermudas ou shorts pode impedir que muitos públicos acessem esse ambiente.

Em relação às visitas a museus com cobrança de entrada, pode-se notar que os valores variam entre os museus: o Museu de Florianópolis, de acordo com o site oficial (IBRAM, [s.d.]) cobra uma entrada de R\$ 10,00, com a meia entrada de R\$ 5,00 (idosos, estudantes, pessoas com deficiência e acompanhante, doadores de sangue, professores da educação básica, membros do ICOM e menores de 18 anos). Já nas Fortalezas (Fortaleza Santo Antônio de Ratones e Fortaleza de São José da Ponta Grossa) são cobradas entradas de R\$ 16,00, com meia entrada de R\$ 8,00 (crianças

de 6 a 12 anos; estudantes de qualquer nível ou instituição; membros de entidades filantrópicas; professores da rede básica; doadores de sangue; pessoas com deficiência e acompanhante; e jovens de baixa renda com cadastro no Governo Federal), sendo a entrada gratuita no último domingo de cada mês, entre março e novembro, de acordo com as informações da coordenadoria das Fortalezas da Ilha de Santa Catarina (COORDENADORIA DAS FORTALEZAS, [s.d.]). Os ingressos do Museu Aberto da Tartaruga Marinha são os mais caros, de acordo com o sítio da Fundação Projeto Tamar Florianópolis (FUNDAÇÃO PROJETO TAMAR, [s.d.]), a entrada inteira está no valor de R\$ 40,00 e a meia R\$ 20,00 (idosos acima de 60 anos, estudantes, professores, ID Jovem, crianças a partir de 6 anos, doadores com comprovante, pessoas com deficiência e seu acompanhante) e é gratuita para crianças de até 5 anos e moradores da Barra da Lagoa. Dessa forma, pode-se constatar que, apesar de os valores das Fortalezas e do Museu Aberto serem mais altos, há iniciativas para que pessoas de baixa-renda ou visitantes locais possam acessar esses ambientes, sem comprometer a arrecadação de fundos necessária para o funcionamento das instituições.

Relativamente à acessibilidade de transporte, destacamos que os museus de Florianópolis estão majoritariamente localizados na região central da cidade (Centro, Itacorubi, Trindade, Agronômica) existindo apenas um museu na região ao sul da Ilha e dois (Fortalezas) na região ao norte da Ilha. A região central seria normalmente considerada um local acessível em outras cidades, porém, na realidade de Florianópolis, acessá-la é muito complicado para os moradores dos extremos sul e norte do município. Apesar da possibilidade do uso de transporte público, a viagem pode ser muito demorada, com a tarifa mais cara entre todas as capitais brasileiras:

Com o reajuste, a passagem de ônibus em São Paulo é a oitava mais cara entre as capitais. O ranking é liderado por Florianópolis, que, além da tarifa mais cara — R\$6,90 —, teve proporcionalmente o maior aumento: 15%. Divulgado no último dia de 2024, o reajuste passou a valer em 1º de janeiro de 2025 (GAZETA DO POVO, 2025).

Os horários dos ônibus são mais escassos aos fins de semana, que são os dias em que a maior parte do público tem a oportunidade de consumir cultura e lazer. É importante ressaltar também, que apenas metade dos museus de Florianópolis

funcionam durante os fins de semana, tornando ainda mais difícil a visita a museus por trabalhadores de fora da região central. Apenas 5 museus abrem aos domingos (Fortaleza de Santo Antônio de Ratones, Fortaleza São José da Ponta Grossa, Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina, Museu de Arte de Santa Catarina, Museu de Florianópolis Prefeito Sérgio José Grando) e 10 abrem aos sábados (Centro Cultural da Marinha em Santa Catarina, Museu da Escola Catarinense, Museu de Florianópolis Prefeito Sérgio José Grando, Museu Hassis, Museu Histórico de Santa Catarina, Museu Victor Meirelles) e durante os fins de semana ficam aberto apenas no período da manhã e começo da tarde (até às 15h).

Consoante a comunicação entre as instituições e os visitantes, percebemos que o contato com os museus é predominantemente feito por meio de e-mails ou telefone. Apenas três museus (Museu Sacro Capela Menino Deus, Ecomuseu do Ribeirão da Ilha e Centro de Memória Desembargador Adão Bernardes) exigem que haja agendamento para visitas, sendo que o Museu Sacro Capela Menino Deus possui apenas telefone como forma de contato, o que pode atrapalhar bastante o visitante com ansiedade social ou autismo.

4. EXPOSIÇÕES E AÇÕES EDUCATIVAS PELA ACESSIBILIDADE

No capítulo anterior, traçou-se um panorama da situação atual dentro dos museus de Florianópolis, pelo ponto de vista dos museus e dos públicos. Foram analisadas as iniciativas, ações e recursos que estão disponíveis dentro dos museus no município atualmente.

Em seguida, serão apresentadas algumas ações que estão acontecendo dentro e fora das instituições culturais na cidade para contemplar públicos diversos, democratizando o acesso à cultura no município.

Posteriormente, serão abordadas as ações para acessibilidade que foram adotadas por museus no país e no mundo, pontuando possíveis inspirações para os museus de Florianópolis, destacando as novas perspectivas e tendências dentro da acessibilidade.

4.1 EXPOSIÇÕES E AÇÕES NO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS

Na cidade de Florianópolis, é possível notar que nos últimos dois anos, dentro e fora dos museus, estão acontecendo cada vez mais ações culturais que buscam ampliar e atender a diversidade de públicos. Há uma tendência a buscar uma maior abrangência nas iniciativas, para além de contemplar pessoas com deficiências físicas, auxiliar também na criação de um maior conforto dentro e fora dos museus para pessoas com neurodivergências e transtornos mentais, inclusão social de pessoas de baixa renda e idosos. Neste sentido, mapeamos as seguintes ações em Florianópolis:

4.1.1 Semana Loucos por Arte:

Anualmente, a “Semana Loucos por Arte” ocorre no Centro Integrado de Cultura (CIC) como forma de reunir, de maneira lúdica, atividades terapêuticas e atividades artísticas, atraindo públicos variados, combinando interesses para construir uma semana de lazer e terapia.

O evento inclui oficinas de arte-terapia, apresentações musicais e cênicas, palestras ministradas por médicos e psicólogos e apresentações artísticas de usuários de serviços de Terapia Social. O evento acontece graças à parceria do Hospital da Polícia Militar, a Clínica Silvestre e o Consultório Noronha (que organiza sessões de terapia em grupo com arte-terapia e rodas de conversa).

No sítio eletrônico da Fundação Catarinense de Cultura, a instituição afirma:

A arte, aqui, é mais do que entretenimento: é uma ferramenta poderosa de reabilitação emocional, expressando sentimentos e abrindo caminhos para o diálogo sobre temas muitas vezes silenciados (FCC, [s.d.]).

A ideia principal do evento é trazer temas que normalmente seriam deixados nas sessões de terapia para um ambiente cultural, por meio de expressões artísticas, criando um local seguro para o compartilhamento de experiências, buscando entender melhor a si mesmo e ao próximo.

As atividades normalmente ocorrem em novembro no Centro Integrado de Cultura (CIC). Em 2025, a quarta edição está marcada para a semana de 24 a 30 de novembro.

Figura 1 – Apresentação da “Semana Loucos por Arte” no Centro Integrado de Cultura



Fonte: Terapia Social (@aterapiasocial), 2025.

4.1.2 Materialidades do Inconsciente

A exposição Materialidades do Inconsciente foi organizada pelos estudantes do Centro de Arte, Design e Moda da UDESC, Amanda Dalsenter e Guilherme Augusto, graduandos em Artes Cênicas na universidade. A exposição foi idealizada em conjunto com o Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis (HCTP), com princípio nas ações coordenadas por Amanda e Guilherme dentro do Hospital, onde ministravam aulas de teatro, encenando peças e fazendo dinâmicas com os grupos de internos. A exposição foi baseada nos trabalhos de Nise da Silveira no Hospital Psiquiátrico de Engenho de Dentro, apresentando as obras como expressão emocional e artística dos pacientes, sendo efetuadas após as aulas de teatro, como diagnóstico do efeito das aulas em cada participante. A exposição ocorreu na sala Teatro Educação do Ceart, com visitação gratuita.

Sobre o trabalho com os pacientes, Amanda Dalsenter (UDESC, 2024, parág. 1) afirmou: “gostaríamos que eles fossem autores das próprias histórias”

O trabalho de Dalsenter e Augusto no HCTP faz parte de um grupo de pesquisa: “Teatro e Prisão: práticas de infiltrações das Artes Cênicas em espaços de vigilância”, organizado pelo professor Vicente Concílio. O grupo ministrou aulas de teatro em outros hospitais do município: no Presídio Feminino de Florianópolis, no Centro de Internação Feminino (CIF) e no Centro de Atendimento Socioeducativo (CASE).

Alguns dos artistas do Hospital de Custódia que participaram das aulas de teatro tiveram a possibilidade de visitar a exposição. Em entrevista por Luiza Vianna para o jornal virtual da UDESC, Dalsenter declarou que o evento é uma ótima oportunidade para trazer os pacientes para o espaço da universidade. Como Guilherme afirmou: “Não é comum haver espaço para escutar pessoas privadas de liberdade” (UDESC, 2024, parág. 7).

Essa iniciativa chama atenção ao considerarmos a participação dos pacientes, sendo crucial que as vontades de pessoas com deficiências e necessidades especiais sejam levadas em consideração durante a criação de soluções de acessibilidade, tendo constante participação no desenvolvimento desses recursos:

(...) ir além da recepção desse público em ações educativas, é fundamental garantir sua plena participação e representatividade nos processos de gestão das instituições, prioritariamente no desenho das políticas institucionais, nas ações de curadoria e difusão do patrimônio seja ele material ou imaterial.

(...) O protagonismo de pessoas com deficiência e de representantes de novos públicos em projetos participativos resulta na mudança nas linguagens e nos modelos tradicionais de produção cultural, possibilitando o conhecimento e o diálogo com as necessidades e anseios desses indivíduos por meio da aproximação com novas realidades e formas de estar no mundo, possibilitando a criação propostas inovadoras.” (SARRAF, 2022).

Isso também é possível por meio de práticas avaliativas e fóruns — inclusive digitais —, nos quais a comunicação entre os públicos e os museus seja facilitada, como as avaliações no Google, avaliações nos livros de visitas, etc..

Figura 2 – Identificação da Exposição “Materialidades do Inconsciente” na UDESC



Fonte: Luiza Vianna para reportagem do site do Centro de Artes, Design e Moda da UDESC.

4.1.3 Exposição de Tetê Fernandes no Hospital Universitário Professor Polydoro Ernani de São Thiago (HU-UFSC)

Tetê Fernandes é uma artista de Florianópolis que faz parte da Associação de Pintores com a Boca e os Pés. Seus trabalhos já foram expostos em outras ocasiões em Florianópolis, mas a sua exposição no Hospital Universitário da UFSC, em 2024, chama atenção pela localidade inesperada e pouco usual, o que torna sua arte acessível no ambiente hospitalar. De acordo com a EBSETH (Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares, 2024), a exposição foi idealizada pelo Grupo de Trabalho de

Humanização (GTH) do HU-UFSC e tem como objetivo inspirar e elevar o bem-estar dos pacientes e visitantes nas alas do Hospital.

Figura 3 – A artista Tetê Fernandes produzindo arte no Hospital Universitário (HU-UFSC)



Fonte: Imagem disponível no site do Hospital Universitário Professor Polydoro Ernani de São Thiago (HU-UFSC)

4.2 EXPANSÕES DA ACESSIBILIDADE NO PAÍS E NO MUNDO

No país e no mundo, podem ser observadas novas medidas de acessibilidade que têm o potencial de contribuir com as diversas acessibilidades, colaborando com uma melhor experiência dos públicos nos museus.

Recentemente (setembro de 2025), o Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro, inaugurou uma sala de autorregulação, para proporcionar conforto aos visitantes, com base em pesquisas voltadas ao público com neurodivergências, mas que podem

auxiliar no bem-estar de todos os públicos. De acordo com o Guia RJ do jornal G1, os recursos utilizados para garantir a autorregulação dos visitantes incluem pufes, poltronas, objetos de *fidget*, abafadores com isolamento de ruído, óculos escuros e até uma piscina de bolinhas (G1, 2025). Medidas simples, como uma sala branca com assentos confortáveis onde o visitante possa respirar brevemente, sem estímulos visuais, já podem contribuir com a autorregulação.

No Museu Oscar Niemeyer (MON), na cidade de Curitiba (PR), as salas recebem um nome diferente: Salas de Acomodação Sensorial (SAS), e, de acordo com o sítio eletrônico da instituição (MUSEU OSCAR NIEMEYER, 2025), são pensadas para acomodar pessoas neurodivergentes que necessitem de autorregulação durante possíveis crises despertadas pela visita. O MON também disponibiliza documentos que permitem que o visitante planeje sua visita, para que ele esteja consciente do que esperar durante as exposições, além de cordões de girassóis para a identificação de deficiências ocultas e abafadores, ambos disponibilizados na recepção do Museu.

Medidas de acessibilidade voltadas para o público infantil estão cada vez mais populares no Brasil. Um exemplo notável foi uma atividade feita em setembro de 2024 na Pinacoteca do Ceará, durante a Primavera dos Museus. De acordo com o sítio eletrônico da Secretaria da Cultura do Ceará (SECULT, 2024), foi desenvolvida uma oficina de pintura em aquarela ministrada em Libras para as crianças, mediações pensadas especialmente para crianças com neurodivergências, além de uma oficina de Yoga para os adultos. Oficinas que apresentam o museu como local de movimento, saúde e criação expandem-no além das visões tradicionais sobre esse ambiente, levando os visitantes a associá-lo mais a um local de entretenimento e elevação do bem-estar.

De acordo com o texto "Acessibilidade, Inclusão Social e Políticas Públicas": uma proposta para o Estado de São Paulo, Amanda Pinto da Fonseca Tojal reforça a função social dos museus, reiterando que o museu deve trabalhar pelos públicos, se adaptando às necessidades variadas, e não vice e versa:

É importante também frisar que o museu deve refletir para além do modelo médico que define a deficiência como condição a ser curada, algo patológico de responsabilidade do indivíduo e que deve se possível, ser superado para que o indivíduo possa se tornar uma pessoa normal - o modelo social - que reconhece que é a sociedade, e não o indivíduo com deficiência, responsável

pela criação de barreiras e cabe, portanto, a ela eliminá-las dando plenas condições para que todos possam nela atuar e participar (TOJAL, 2008)

Os museus devem ser locais acessíveis não porque queremos receber mais públicos ou porque é da nossa vontade como instituição receber essas pessoas. A acessibilidade deve ser vista como uma obrigação, considerando que a definição de museus estabelece que o museu deve ser aberto ao público, acessível e inclusivo, e deve fomentar a diversidade e a sustentabilidade.

Figura 4 – Crianças em atividade tátil de acessibilidade em evento no Ceará



Fonte: Imagem do evento disponível no site da Secretaria de Cultura do Ceará, 2025

O Museu Nacional de Singapura já está utilizando seu conhecido ***calm room***, uma sala calma pensada principalmente para crianças com autismo ou TDAH que podem se sentir hiperestimulados socialmente ou sensorialmente. A sala foi construída em forma de câmara e, de acordo com um artigo do próprio museu, baseia-se na forma de um útero, um abrigo que abraça o visitante (MUSEU NACIONAL DE SINGAPURA, 2025).

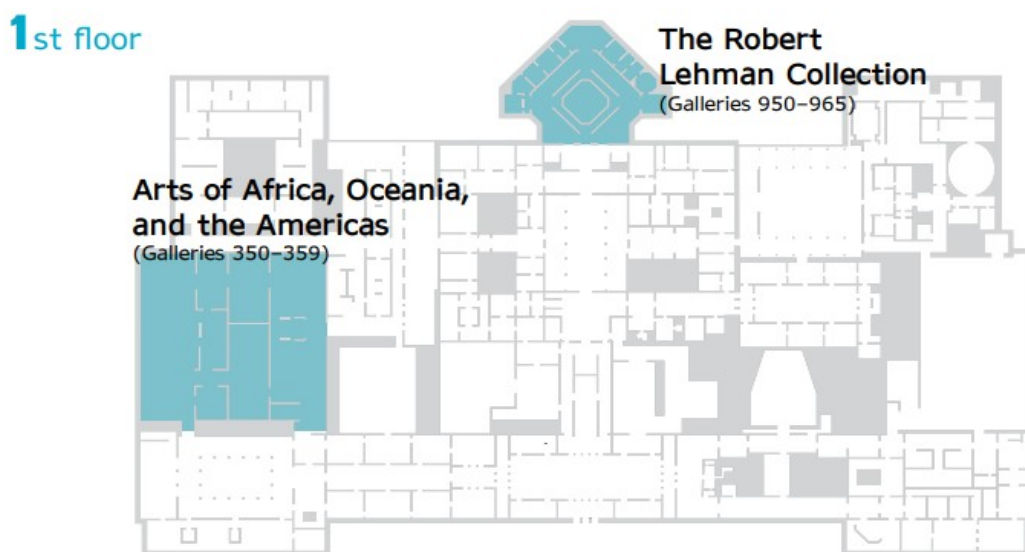
Figura 5 – Sala de Acomodação (*Calm Room*) no Museu Nacional de Singapura



Fonte: Imagem do *calm room* disponível no site do Museu Nacional de Singapura, 2025

O Metropolitan Museum **of Art**, nos Estados Unidos, possui uma iniciativa parecida, onde **o museu** mapeia as salas que tendem a ser mais calmas, por seu acervo, design ou pela quantidade de visitantes, que costumam ser mais baixas. Assim, o público sabe para onde ir em caso de **hiperestímulo**. Em cada andar, são sinalizados os ambientes onde a maior parte do público costuma se aglomerar, e onde a pessoa pode encontrar alívio da multidão e barulho. **A instituição** indica também ambientes com iluminação natural e iluminação baixa. Essa iniciativa pode auxiliar muitos museus grandes que costumam ter aglomerações em certos ambientes.

Figura 06 – Exemplo de Mapeamento de Salas Calmas (*Quiet Spaces*) no Metropolitan Museum of Art



Fonte: Imagem disponível no sítio eletrônico do Museu (METROPOLITAN MUSEUM OF ART, 2025).

Existem outros museus que seguem essas mesmas iniciativas fora do Brasil, como o Museu das Crianças de Houston (*The Children's Museum of Houston*), nos Estados Unidos, a Galeria de Arte de Ontário (*Art Gallery of Ontario*), no Canadá, e o Museu de Ciências de Londres (*Science Museum*), na Inglaterra. Eles possuem sinalização para salas calmas (*quiet rooms*), modificações em algumas exposições para torná-las mais confortáveis (iluminação e representações visuais junto ao texto expositivo) e no Museu de Ciências de Londres, na Inglaterra, há um treinamento para os funcionários para atender principalmente ao público com autismo. O preparo das instituições para se tornarem mais acessíveis deve vir desde o ambiente até a formação da equipe; a variedade na equipe traz maior variedade no desenvolvimento dos recursos de acessibilidade:

Paralelamente, os museus deveriam promover uma democratização interna, evitando as rígidas hierarquias de poder e permitindo que diversos setores da profissão e do público participem e tenham voz nos processos de tomadas de decisões." Aidar (2002, p. 60)

As iniciativas apontadas aqui como exemplo devem ser consideradas dentro dos museus de Florianópolis não por vontade das instituições de abranger seus públicos ou aumentar em números suas visitas. Buscar inclusão e acessibilidade dentro dos museus é essencial, devendo ser constantemente pesquisado e trabalhado

dentro da Museologia, e mais importante ainda, deve-se buscar aplicar essas ferramentas dentro do ambiente dos museus, pois se há a falha em contemplar todos públicos dentro das instituições, o museu não está de fato acessível. Ele está acessível para alguns.

5. CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo traçar um panorama da acessibilidade de maneira integral dentro dos museus do município de Florianópolis, utilizando como base o Cadastro Estadual de Museus, e coleta de dados por meio de um formulário elaborado especialmente para a monografia e avaliações de público no Local Guides do Google Maps. Com base no referencial teórico, foi possível analisar de forma imparcial as medidas de acessibilidade e o atendimento ao público de cada museu, focando não apenas nos setores educativos, trazendo a responsabilidade pela acessibilidade para todos os setores dos museus. Tal abordagem é importante considerando que nem todos os museus do município possuem uma setorização de sua equipe.

Foram analisados os projetos e ações educativas que estão sendo realizados nos museus do município nos últimos anos e foram averiguadas as avaliações dos públicos com relação aos museus pesquisados, percebendo-se o efeito das ações e do ambiente dos museus na vida dos visitantes. Neste trabalho, conseguimos refletir sobre o papel dos museus na elevação da saúde mental e qualidade de vida da comunidade local e suas repercussões no emocional dos visitantes. Constata-se, com base nas análises e avaliações do Google com relação aos museus de Florianópolis, que o respeito ao visitante se mostra muito mais importante do que o valor do acervo, da estrutura da instituição e dos recursos de acessibilidade. O maior número de reclamações se refere ao tratamento ao visitante e ao fato de o museu não estar aberto ou não permitir que o visitante acesse alguma sala ou algum objeto do acervo. A exclusão do visitante e o tratamento para com ele são os tópicos mais marcantes durante as visitas e que mais ocorrem nas avaliações do público. Museus que se encontravam fechados ou que não estavam abertos no período de tentativa de visita ou que possuísssem uma comunicação difícil com o público são os mais destacados entre as avaliações negativas. Isso ocorre, pois, as medidas de acessibilidade não estão considerando a acessibilidade emocional, que é necessária para todas as pessoas. Se os públicos em geral não estão se sentindo bem-vindos no ambiente dos museus, então será ainda mais difícil que públicos minoritários se sintam bem recebidos.

Dentro dos museus pesquisados, podem-se destacar algumas iniciativas e preocupações dos funcionários que poderiam ser consideradas como ações de acessibilidade e que podem não ter sido intencionalmente uma medida de acessibilidade, mas são comprovadas pelas avaliações dos públicos. Notavelmente,

nossos museus são muito elogiados pelo bom tratamento aos visitantes — com algumas exceções já listadas — existindo pelo menos cinco museus realizando ações com públicos de pacientes de hospitais ou de CAPS (Centros de Atenção Psicossocial) e CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) atualmente. A grande quantidade de oficinas que convidam os visitantes a se tornarem também criadores, convertendo-os em protagonistas da cultura local, também trazem grandes benefícios, criando um ambiente confortável de pertencimento dentro das instituições. Essas iniciativas são de suma importância para trazer esses públicos para dentro dos museus e fazê-los sentir que esse ambiente pertence a eles também. Não apenas pertence, mas também serve a eles. No Museu do Lixo, por exemplo, foi declarado que a iniciativa de levar pacientes do CAPS a realizar visitas e participar das ações educativas, em busca de promover a inclusão desse público no ambiente dos museus.

Percebe-se, com base nas análises dos museus de Florianópolis, que há uma concepção muito fixa de que acessibilidade se refere terminantemente a medidas físicas, o que é contraditório às avaliações dos públicos no Google. As iniciativas sempre destacadas pelos museus são rampas de acesso, uso de braille e banheiros acessíveis. Essas são iniciativas muito importantes para garantir o conforto dos visitantes no museu, porém existem outras iniciativas que já estão sendo tomadas que não são divulgadas como medidas de acessibilidade: mediação com libras, acervo tátil, cadeiras ou bancos, mediação com equipe preparada, mediação infantil, elevadores, jardins, salas com poucos objetos para descanso, Wi-Fi gratuito, monitor sempre ao dispor do visitante. É importante que estejamos conscientes de que esses serviços proporcionam a acessibilidade dentro dos museus e que são essenciais. Tais iniciativas não são complexas nem dispendiosas, são iniciativas que ocorrem naturalmente em alguns museus e que deveriam ser priorizadas. Ficou evidente que os museus de Florianópolis buscam atender às medidas de acessibilidade, entretanto, ainda estão no começo desse desenvolvimento. A maior parte dos museus atende às medidas físicas de acessibilidade, observando-se maior dificuldade para implementar medidas de acessibilidade atitudinal. É de suma importância que o tratamento aos visitantes os torne conscientes de seu pertencimento ao ambiente dos museus e do pertencimento dos museus a eles. Não há nada que traga mais conforto e sensação de pertencimento do que um sorriso sincero e palavras gentis. A acessibilidade começa na entrada, no bom dia, nas orientações precisas e na atenção às

necessidades desses visitantes. Não devemos focar apenas nas normas de acessibilidade, nos atentando às individualidades de cada visitante.

É importante frisar, contudo, que ainda há uma grande parcela de museus no município que não estão fisicamente acessíveis, apesar de serem emocionalmente acessíveis, assim como há alguns que são fisicamente acessíveis, mas não são emocionalmente acessíveis. É fundamental que haja uma comunicação e auxílio entre os museus, um constante estudo dentro das instituições, de iniciativas novas que estão sendo tomadas e se tornando relevantes em outras instituições no município, para que os museus possam desenvolver essas medidas em conjunto. Para que seja possível ampliar as medidas de acessibilidade do município, trouxemos inspirações advindas do país e do mundo, agregando ações educativas, medidas expográficas, comunicação museológica (disponibilização de mapas online), mediação especializada, entre outras iniciativas. Buscamos por meio dessa pesquisa, acima de tudo, inspirar e criar soluções simples para que os museus de Florianópolis possam ser acessíveis para todos, como devem ser.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Cultura; Instituto Brasileiro de Museus. **Plano Nacional Setorial de Museus – PNSM 2010-2020**. Brasília, DF: MinC/IBRAM, 2010. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/relatorios-e-documentos/plano-nacional-setorial-de-museus-pnsm-2010-a-2020>. Acesso em: 30 nov. 2025.

COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane; BRASILEIRO, Alice. **Acessibilidade a Museus**. Brasília, DF: MinC/Ibram, 2012. 190 p. (Cadernos Museológicos, v. 2).
COLÉGIO CATARINENSE. **Museu do Homem do Sambaqui**. Disponível em: <https://www.colegiocatarinense.g12.br/museuhomemdosambaqui/>. Acesso em: 30 nov. 2025.

COORDENADORIA DAS FORTALEZAS DA ILHA DE SANTA CATARINA. **Valor do ingresso de entrada**. Florianópolis: UFSC, [s.d.]. Disponível em: <https://fortalezas.ufsc.br/valor-do-ingresso-de-entrada/>. Acesso em: 28 nov. 2025.

COSTA, Heloísa Helena Fernandes Gonçalves da. **Museologia e patrimônio nas cidades contemporâneas: uma tese sobre gestão de cidades sob a ótica da preservação da cultura e da memória**. 2012. Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brazil. 2012.

COSTA, Heloísa Helena Fernandes Gonçalves da. **Museus que abraçam seus públicos**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE MUSEOLOGIA, 2020, Rio de Janeiro. [Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro UNIRIO Museu de Astronomia e Ciências Afins MAST], 2020. p. 191 a 01

COSTA, H. H. F. G. (2020). **Museus fazem bem À saúde?: uma tese sobre museu e saúde na sociedade do século XXI**. *Museologia & Interdisciplinaridade*, 9(17), 147–157. <https://doi.org/10.26512/museologia.v9i17.29475>

CRUZ JUNIOR, Eurípedes Gomes. **Do asilo ao museu: ciência e arte nas coleções da loucura**. 2015. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em [Área], Universidade [Nome], Rio de Janeiro, 2015.

DUARTE, Cristiane Rose Siqueira; COHEN, Regina. **Acessibilidade Emocional**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2018.

FANCOURT, Daisy; FINN, Saoirse. **What is the evidence on the role of the arts in improving health and well-being? A scoping review**. Copenhagen: WHO Regional Office for Europe, 2019. (Health Evidence Network Synthesis Report, 67).

FIOCRUZ. **Semana do Cérebro 2024: MVF celebra a importância do cérebro com atividades especiais**. Museu da Vida – Fiocruz, 2024. Disponível em: <https://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/pt-br/noticias/2242-semana-do->

cerebro-2024-mvf-celebra-a-importancia-do-cerebro-com-atividades-especiais. Acesso em: 30 nov. 2025.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **Museu de Arte de Santa Catarina – MASC**. Cultura SC. Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/espacos/masc>. Acesso em: 30 nov. 2025.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **Museu Histórico de Santa Catarina – MHSC**. Cultura SC. Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/espacos/mhsc>. Acesso em: 30 nov. 2025.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **Semana Loucos por Arte**. Florianópolis, 2024. Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/programacao/2969-semana-loucos-por-arte?date=2024-11-11-00-00>. Acesso em: 28 nov. 2025.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **Sistema Estadual de Museus de Santa Catarina. Guia de museus de Santa Catarina** [recurso eletrônico]. Florianópolis: Edições FCC, 2024. Disponível em: [URL]. Acesso em: 28 nov. 2025.

FUNDAÇÃO HASSIS. **Fundação Hassis**. MuseusBr. Disponível em: <https://visite.museus.gov.br/instituicoes/fundacao-hassis/>. Acesso em: 30 nov. 2025.

FUNDAÇÃO PROJETO TAMAR. **Florianópolis – SC: Centro de Visitantes**. Disponível em: https://www.tamar.org.br/centros_visitantes.php?cod=8. Acesso em: 28 nov. 2025.

GAINO, Loraine Vivian et al. **O conceito de saúde mental para profissionais de saúde: um estudo transversal e qualitativo**. **SMAD: Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 2, p. 108-115, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/smad/article/view/151273>. Acesso em: 28 nov. 2025.

GALLETTO, K. C. **Demolindo paradigmas da saúde mental brasileira: o Hospital Psiquiátrico de Barbacena e sua nova identidade como museu**. **Revista de História Regional**, [S. l.], v. 29, 2024. DOI: 10.5212/Rev.Hist.Reg.v.29.23788. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/23788>. Acesso em: 30 nov. 2025.

GAZETA DO POVO. **Preço da passagem de ônibus nas capitais brasileiras deve subir a partir de 2025**. Gazeta do Povo, Curitiba, 6 jan. 2025. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/brasil/preco-onibus-capitais-brasileiras-2025/>. Acesso em: 28 nov. 2025.

G1 RIO. **Museus cariocas ampliam programas de acessibilidade e inclusão no Mês da Luta da Pessoa com Deficiência**. G1, Rio de Janeiro, 21 set. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/guia/guia-rj/noticia/2025/09/21/museus-cariocas-ampliam-programas-de-acessibilidade-e-inclusao-no-mes-da-luta-da-pessoa-com-deficiencia.ghtml>. Acesso em: 28 nov. 2025.

GOLDEN STEPS ABA. **Autism and public spaces**. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.goldenstepsaba.com>. Acesso em: 28 nov. 2025.

GUIA FLORIPA. **Guia Floripa**. Disponível em: <https://guiafloripa.com.br/>. Acesso em: 30 nov. 2025.

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus. **Plano Nacional Setorial de Museus 2025-2035**. Brasília: Ibram, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/relatorios-e-documentos/plano-nacional-setorial-de-museus-pnsm-2025-a-2035.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: IBRAM, 2018.

MAGALDI, Felipe Sales. **Frestas Estreitas: uma etnografia no Museu de Imagens do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Autografia, 2018. (Coleção Primeiros Campos).

METROPOLITAN MUSEUM OF ART. **Sensory friendly map**. New York, [s.d.]. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/-/media/files/events/programs/progs-for-visitors-with-disabilities/sensory-friendly-map.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2025.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde Mental**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-mental>. Acesso em: 30 nov. 2025.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **HU-UFSC recebe exposição da artista Tetê Fernandes no Hospital**. Florianópolis, 22 ago. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-sul/hu-ufsc/comunicacao/noticias/hu-ufsc-recebe-exposicao-da-artista-tete-fernandes-no-hospital>. Acesso em: 28 nov. 2025.

MONTEIRO, Maria Ana; RIBEIRO, Lucilina; BAHIA, Sara. **Psicologia nos museus e museus na psicologia: Serviço educativo do Museu Nacional do Azulejo**. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada, 2012.

MUSEU BISPO DO ROSÁRIO. **Museu Bispo do Rosário**. Disponível em: <https://museubispodorosario.com/>. Acesso em: 30 nov. 2025.

MUSEU DO AMANHÃ. **Exposição “Sonhos”**. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/exposicoes/637/sonhos>. Acesso em: 30 nov. 2025.

MUSEU OSCAR NIEMEYER. **Acessibilidade**. Curitiba: MON, [2024]. Disponível em: <https://www.museuoscarniemeyer.org.br/faq/acessibilidade>. Acesso em: 28 nov. 2025.

NATIONAL HERITAGE BOARD. **National Museum of Singapore officially launches the Quiet Room**. Singapore, 2019. Disponível em: https://www.nhb.gov.sg/-/media/nms2017/documents/media-releases/media-release_national-museum-of-singapore-officially-launches-the-quiet-room.pdf. Acesso em: 28 nov. 2025.

PANELLI SARRAF, Viviane. **As contribuições de Waldisa Russio para o desenvolvimento da Acessibilidade Cultural: práticas, reflexões e**

reciprocidades com o pensamento da Sociomuseologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 68, n. 24, p. 111-122, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.60543/csm.v68i24.9835>. Acesso em: 30 nov. 2025.

PANELLI SARRAF, Viviane. **Museus para a Igualdade – Diversidade e Inclusão: Como as premissas da Acessibilidade Cultural corroboram com a Função Social dos Museus.** *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, n. 19, 2022.

PANELLI SARRAF, Viviane. **Reabilitação do Museu: Políticas de Inclusão Cultural por meio da Acessibilidade.** 2008. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Museologia, Universidade [Nome], Lisboa, 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. **Bosque Pedro Medeiros.** Disponível em: <https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/continente/index.php?cms=bosque+pedro+medeiros&menu=0>. Acesso em: 30 nov. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. **Museu do Lixo: história e agenda.** Florianópolis: PMF, [s.d.]. Disponível em: <https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/residuos/index.php?cms=museu+do+lixo++historia+e+agenda&menu=8&submenuid=2077>. Acesso em: 30 nov. 2025.

RIBEIRO, Elielton. **O Museu de Arte Osório Cesar: Interfaces entre Museologia, História da Arte e Antropologia.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História da Arte) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2021.

SECULT CE. **Pinacoteca do Ceará intensifica programação acessível com atividades em Libras e ações voltadas para crianças neurodivergentes.** Secult Ceará, 23 set. 2024. Disponível em: <https://www.secult.ce.gov.br/2024/09/23/pinacoteca-do-ceara-intensifica-programacao-acessivel-com-atividades-em-libras-e-acoes-voltadas-para-criancas-neurodivergentes/>. Acesso em: 30 nov. 2025.

SICURO, Juliana; GARCEZ, Vitor. **Museu de Imagens do Inconsciente e Museu Bispo do Rosário.** *Revista Prumo*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2019.

SILVA, Mauricio André da; COSTA, Andréa Fernandes. **História da educação museal no Brasil.** São Paulo: ICOM Brasil; ICAM CECA; ICOM CECA LAC, 2024.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do Inconsciente.** Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

SILVEIRA, Nise da. **O Mundo das Imagens.** Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

TOJAL, Amanda Pinto da Fonseca. **Acessibilidade, Inclusão Social e Políticas Públicas: uma proposta para o Estado de São Paulo.** In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira; NEVES, Katina Regina Felipini (Org.). **Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento: propostas e reflexões museológicas.** São Cristóvão: Museu de Arqueologia de Xingó, 2008. p. 115-133.

TRAVERSARO, Bruna; OLIVEIRA, Fabiana Lazzari. **Prática Teatral em um Hospital de Custódia: à luz dos olhos velados**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teatro) – Universidade [Nome], [Local], 2020.

TRIPADVISOR. **TripAdvisor**. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/>. Acesso em: 30 nov. 2025.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE SANTA CATARINA. **Museu do Judiciário Catarinense**. Disponível em: <https://www.tjsc.jus.br/web/memoria/museu>. Acesso em: 30 nov. 2025.

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DE SANTA CATARINA. **Centro de Memória Desembargador Adão Bernardes (CMAB)**. Disponível em: <https://www.tre-sc.jus.br/institucional/memoria/centro-de-memoria>. Acesso em: 30 nov. 2025.

UDESC. **Museu da Escola Catarinense**. Disponível em: <https://www1.udesc.br/museudaescola>. Acesso em: 30 nov. 2025.

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina. **Estudantes da Udesc Ceart promovem exposição com obras de pessoas privadas de liberdade nesta quinta-feira**. Florianópolis, 19 jun. 2024. Disponível em: https://www.udesc.br/noticia/estudantes_da_udesc_ceart_promovem_exposicao_com_obras_de_pessoas_privadas_de_liberdade_nesta_quinta-feira. Acesso em: 29 nov. 2025.

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. **Museu da UFSC – Memória**. Disponível em: <https://museu.ufsc.br/memoria/>. Acesso em: 30 nov. 2025.

UNESCO. **Call for good practices: Museums for everyone: innovative practices for accessibility and inclusion**. Paris, 2 out. 2024. Disponível em: <https://www.unesco.org/en/articles/call-good-practices-museums-everyone-innovative-practices-accessibility-and-inclusion>. Acesso em: 28 nov. 2025.

ELDRIDGE, Stephen. **Neurodiversity**. Encyclopedia Britannica. 5 de dezembro de 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/neurodiversity>. Acesso em: 07/01/2026.

KANDEL, Eric R. **“Em busca da memória.”** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iYKQQ0lc470>. Acessado em 08/01/2026

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação**. Revista Nacional de Reabilitação (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

▲ **Atividade de avaliação de conhecimento** **Elaboração de formulário**
 O Museu possui um Núcleo Pedagógico?

- ☐ Sim
- ☐ Não

O Museu possui, ou já possuiu algum projeto que tenha como foco a melhora na saúde mental dos visitantes? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

O Museu já recebeu alguma visita de grupos em tratamento psicológico ou psiquiátrico? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

Caso haja o interesse por uma instituição de saúde de agendar uma visita guiada em grupo com pacientes, o ambiente do museu e os funcionários responsáveis pelo núcleo pedagógico estariam aptos a lidar com as possíveis situações e com as necessidades dos visitantes? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

O Museu estaria interessado nesse tipo de visita? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

Já foram feitas ações educativas que contemplassem as preocupações com saúde mental ou que tivessem alguma relação com o tema? Se sim, faça um breve relato: *

Texto de resposta longa